

A pintura de São Brás

Basílio Rodrigues

Organização, introdução e notas de

António Bárbolo Alves
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
e do Ministério da Educação)

FICHA TÉCNICA

Título: *A pintura de São Brás*

Autor: Basílio Rodrigues

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

ISBN: 978-972-9249-04-4

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de l Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

Basílio Rodrigues

A pintura de São Brás

Comédia cómico-satírica

Assunto verdadeiro ocorrido com personagens de Vilar Seco
(Vimioso), Cécio de Miranda do Douro e outros.

Representado em tablado de 40 metros de comprimento ao ar livre, em
Vilar Seco (Vimioso), a 10 de Fevereiro de 1928.

1. Versões existentes no CEAMM

Deste texto existem no CEAMM quatro cópias. Três encontram-se dactilografadas, sendo duas meras reproduções da primeira. A terceira encontra-se já impressa a partir de computador. Possivelmente terá sido também copiada das outras versões.

A edição digitalizada é uma das cópias dactilografadas, aquela em que, quer as didascálias quer o nome das personagens se encontra a vermelho.

Em todas as versões se pode ler, na segunda página, um texto anónimo sobre Basílio Rodrigues. A enunciação em terceira pessoa deixa supor que o autor é outro que não o próprio Basílio Rodrigues. Contudo, não nos parece que isso seja assim tão evidente pois os "erros" ortográficos em muito se assemelham aos da "comédia". Se não é ele o autor deverá ser alguém não muito letrado e, pelos pormenores que nos oferece sobre Basílio Rodrigues, alguém profundamente conhecedor da sua vida pessoal e familiar. Não fazendo parte do "colóquio", optámos por colocá-lo numa página à parte que pode ser lida a partir da mesma versão da edição digitalizada.

2. Origens

A história deste auto é, como se lê na primeira página, um “assunto verdadeiro” ocorrido com personagens de Vilar Seco (Vimioso), Cércio de Miranda do Douro e outros. A história consiste no relato desse episódio em que alguns mordomos de São Brás, da aldeia de Cércio, se terem recusado a pagar a pintura desse santo que tinham encomendado a Basílio Rodrigues. O auto, nascido e criado nas mãos de um autor quase analfabeto, como se pode aferir pelo texto de carácter biográfico que o acompanha, sem pretensões literárias e destituído de grandes artificios dramático-narrativos, é um verdadeiro “auto popular”. Nele se consuma plenamente a função lúdica, mas também satírica, pois se procura troçar de certos comportamentos sociais, nomeadamente daqueles que não cumprem com a palavra dada. Numa civilização de oralidade – e este texto marca uma fase-chave de transformação de oralidade quase pura para oralidade mista¹ – onde a palavra devia ser respeitada, os que não o fazem só podem ser motivo de chacota por parte da restante comunidade. Tal como diz um dos muitos ditados populares que encontramos neste auto, “um boi prende-se pela haste e um

¹ É Paul Zumthor que distingue civilizações de “oralidade pura”, sem escrita, de civilizações de “oralidade mista”, em que a oralidade já domina a escrita, e “oralidade segunda”, em que há uma hegemonia da escrita sobre a oralidade. Ver «Littératures de la voix», in *Le Grand Atlas des Littératures*, Paris, Encyclopaedia Universalis, 1990, pp. 70-72.

homem pela palavra”.

Se os “mordomeiros” de São Brás acabam por encarnar esse “tipo social”, cabe à figura de Fala-Só, o Bobo, assumir o papel de fazer rir o público, provocando esse riso através das palavras, quer através das atitudes. Tal como há muitas outras situações cómicas – como quando a figura do santo é transportada nuns alforges – capazes de provocar o riso, de cativar a assistência e de a prender à história dramatizada no tablado.

Mas não ficam por aqui os temas de interesse deste texto. Para além dos mirandesismos, são múltiplas as referências à Terra de Miranda, através da toponímia, da história, das alusões a lugares e a manifestações sociais e culturais da região, que assim nos permitem percorrer mais alguns dédalos desta viagem em busca das raízes identitárias mirandesas, da sua configuração e do seu significado.

3. Representações

Como se pode ler na página de rosto da “edição digitalizada, este texto foi “representado em *tabelado* de quarenta metros de *cumprido* ao ar livre em Vilar Seco, Vimioso a 10 de Fevereiro de 1928”. Valdemar Gonçalves informa que ela foi também “recentemente representada na Póvoa”².

Como informação secundária, mas que nos dá conta do grande impacto que estas representações tiveram nesta região, veja-se esta nota manuscrita, de António Maria Mourinho que encontramos em uma das cópias do seu artigo “Teatro Rural em Trás-os-Montes”³.

[Os de Cércio], no regresso para suas casas, uns aos outros diziam pelo caminho:

– Não podemos gabar a representação, porque foi contra nós, mas na verdade esteve bem feita!

Ficaram no entanto com ressentimento para Vilar Seco pela crítica jocosa que no entremez lhe foi feita, embora baseada só nos moldes da verdade, pois a comédia tem apenas de fabuloso o papel do Diabo e do Bobo, obedecendo assim ao estilo da região. Todo o resto é apenas a expressão da verdade sem acréscimos. Esse ressentimento levava-os a buscarem ocasião de ajustarem contas com Vilar Seco, embora se sentissem impotentes.

Em 19 de Maio desse ano, 1929, foi representado em Genísio os “Sete Infantes de Lara”, e finda a representação, envolveram-se em desordem uns indivíduos de S. Pedro com outros de Caçarelhos, intervindo irreflectidamente a favor de São Pedro alguns de Vilar Seco. Trocaram-se cacetadas, houve pedradas, com alguns ferimentos de parte a parte. Poucos, os de Vilar Seco e S. Pedro fizeram muito; a superioridade numérica dos de Caçarelhos varreu-os do campo. Terminado o conflito, que durou apenas dois ou três minutos, enquanto já a malta de Cércio ia fora da povoação a caminho da sua aldeia, alguém lhe fez saber que havia barulho entre Vilar Seco e Caçarelhos e então, julgando oportunidade dos povos zurrzir os de Vilar Seco, desordenadamente voltou atrás, tentando aliar-se a Caçarelhos. Mas Caçarelhos e Cércio, povoações distantes, não se conheciam, assim que os de Caçarelhos, ao verem vir

² Valdemar Gonçalves, *Teatro Popular Mirandês*, Lisboa, Instituto de Desenvolvimento Social, 2002, p. 47.

³ Separata a Revista *Ocidente*, Vol. LI, Lisboa, 1956

sobre eles aquele tumulto desordenado, supondo-se afrontados, bateram nos improvisados aliados. Por sua vez os de Cércio bateram apenas covardemente num indefeso indivíduo de S. Pedro, Joaquim Garcia, e em dois menores de Vilar Seco, Baptista bernardo e Félix Rodrigues a quem apanhando-lhes os chapéus os golperam à navalha, mostrando-se assim valentões. Tendo-se dado sempre bem, estas povoações, depois de ligeiras entendimentos, bem se continuaram sempre dando, restando apenas aversão entre Cércio e Vilar Seco somente pela "Pintura de S. Brás".

Noutra nota manuscrita, que se segue a esta, depois de referir que ainda existem mais entremezes do Sr. Bazílio Rodrigues, que lhe não foi possível encontrar, escreve:

De Bazílio Rodrigues existem entre outros o entremez rimado "Vida de João Soldado", que merece menção e que foi representado várias vezes na Póvoa, depois em São Martinho, em Caçarelhos, em Angueira e noutras localidades. A "Confissão de Vicente marujo" que se representou em Vilar Seco, Póvoa, S. Martinho, Angueira, etc. e outros entremezes vários.

Figurantes

Naturais de Vilar Seco

O pintor, Basílio Rodrigues
Maria dos Reis, mulher do pintor.

Naturais de Cércio

Mateus dos Anjos
Maria Valentina, mãe de Mateus dos Anjos
Mateus Gonçalo
João de Alfredo
Lázaro Freixo
Firmino Lobo
António Freixo
Manuel José Sapateiro
Glória Ribeira
Manuel Calejo

Espanhóis residentes em Cércio

António Branco, taberneiro
Mathea, taberneira, mulher de António Branco

De Miranda do Douro

Manuel Furriel, Administrador de Miranda

Fantasiados

Fala Só, Bobo ou Gracioso

*Formados a duas filas entram figurantes ao tablado,
fazem o giro habitual, cortejam e recolhem cada um
no seu lugar.*

Aparece Fala Só a declamar o prólogo e diz

FALA SÓ

Olá! Tanta gente à minha beira!
Correu tudo com cobiça!
Por ser Domingo Gordo
Quereis tirar-me a chouriça?

*Tira uma grande chouriça do bolso mostra-a ao
público e diz*

Anda bem arrecadada!...
Se ma vierdes tirar eu sinto
Para não ficar talvez sem ela
Vou mas é prendê-la ao cinto.

Prende-a e continua

Agora já não há perigo
Está o petisco arrecadado
E eu estou em condições
Para dar o meu recado.

Se vós pois quereis ouvir
Com apetite e satisfação
Eu vou já principiar
Prestai-me a vossa atenção.

Como a conversa é comprida
Que isto leva um bocado
Com licença meus senhores
Deixem-me primeiro beber um trago.

Bebe e continua

Agora já molhei a boca
Refresquei o paladar
Vou dar-vos um prévio anúncio
Do que vamos representar.

Neste povo de Vilar Seco
Temos nós um tal pintor
É o autor desta obra
De que eu sou recitador.

Trabalhava em Cércio há dois anos
Onde tem trabalhado tanto
E disse um dia a uns fulanos
Que eram mordomos de um santo.

Deveis pintar o São Brás
Está com grande necessidade
Tem a cabeça como um butelo¹
Falando bem a verdade.

Assim se juntou o pessoal
Todo unido em boa graça
Trataram de pintar o santo
E fazer-lhe uma vidraça.

Por quinhentos e cinquenta mil reis
Foi contratado o serviço todo
O pintor pegou no santo
Levou-o para casa logo.

Meteu então o santo em obra
Ficou lindo! Mesmo pimpão
Aprontou santo e vidraça
Para a Páscoa de Ressurreição.

Dia de Sexta-feira santa
O pintor uma carta escreveu
Mandou-a por Glória Ribeira
O santo marchava outro dia.

Cumpriu a sua palavra
Por isso o santo, a vidraça e o resto
Dia de Sábado aleluia
Entrou na Igreja de Cércio.

Depois de colocada a obra
Aguardaram o dia inteiro
O pintor e mais a mulher
Para receber o dinheiro.

Não apareceram mordomos

¹ *Butelo* é um enchido, obtido a partir de carne, gordura, ossos e cartilagens provenientes de partes da costela e coluna vertebral de porco, cheio no estômago ou na tripa do intestino grosso do porco. Alguns dicionários registam a palavra como um regionalismo transmontano. Em mirandês registam-se as formas *butielho* e também *bulbo*, com o mesmo significado.

Nem devotos nem beatões
Andariam a cumprir a penitência
Ou a rezar as orações.

Como era fim de Quaresma
Só isso deveria ser
Mas quem pagou as consequências
Foi o pintor e mais a mulher.

Nem dinheiro nem mordomos
Ali não apareceu nada
E o pintor e a mulher
Ficaram lá aquela noitada.

A mulher veio embora
Dia de Páscoa muito cedo
Mas o pintor ficou lá
A cumprir o seu degredo.

Os mordomos haver-se-iam perdido
Ou a terra os tinha tragado
Ali não apareceu ninguém
Desde que chegou o santo pintado.

Então o pintor muito zangado
Por lhe pregarem aquele mono
Pedi ao Manuel Calejo
Para lhe indicar o mordomo.

Bateram à porta de Mateus dos Anjos
Para ver se largava a massa
Apareceu a bisca de mãe
E atendeu-os com pouca graça.

O Mateus não aparece
Nem alguém conta que o vira
Trataram então de buscá-lo
Na quinta de Vale de Mira.

Apareceu Alípio Pimpão
Homem de contas mui fieis
Também tinha restos do santo
Ao tudo cinquenta mil reis.

Apresentou logo o dinheiro
Moço por Deus abençoado
Deus lhe dê muita saúde
E o faça bem-afortunado.

Em Vale de Mira não acharam
O tal mordomeiro Mateus

Mas onde é que andará
Que será dele? Meu Deus.

Voltaram os dois para Cércio
Com o coração mui aflito
E lá encontraram o tal amigo
Agarrado a jogar o fito.

Chega-se a ele Manuel Calejo
Chamando-o à parte primeiro
Mas o figurão descarado
Recusa-se a dar o dinheiro.

Mas Manuel Calejo é homem
Que se sabe apresentar
Deu-lhe ali quatro palavras
E fez-lhe a casaca virar.

Por fim promete dá-lo
Fica o caso combinado
Para o dia três de Maio
Ter o dinheiro arranjado.

O Mateus mostra juízo
E promete a sua palavra
Dizendo que antes desse dia
Poria em venda uma cabra.

O pintor saiu embora
Com boas disposições
Mas pouco lhe roubariam
Se lhe aparecessem os ladrões.

O Mateus ficou descontente
Apreensivo e arreliado
Porém à noite sobre um canto
No escuro apareceu-lhe o diabo.

Diz-lhe que nunca venda a cabra
Que nunca pague ao pintor
Olhai o anjo das trevas
Quanto é enganador.

O Mateus reconfortado
Com a léria do tal fadista
Dá a palavra ao diabo
De não pagar ao artista.

Meus senhores, peço desculpa
Agradeço vossa atenção
E a segunda parte da obra

Darei logo satisfação.

Vou guardar a chouriça
Que estou a desconfiar
Tanta gente a olhar para ela
Bem certo ma podem palmar.

Corteja e recolhe-se.

Aparece o Pintor no tasco, junto dele Mateus dos Anjos, Lázaro Freixo, Firmino Lobo e António Freixo e diz o Pintor:

PINTOR

Ora Graças a Deus
Encontrei-vos amigos meus
Uma vez aqui reunidos
No gozo dos nossos sentidos.

Pois ainda é pouca a vinhaça
Não leveis isto em chalaça
Mas atendei caros amigos.

Tendes na Igreja o S. Brás
O santo da Mocidade
Mas falando quanto é verdade
Não está em condições.

Tem muito fracas feições
E uma cabeça! Valha-me Deus
Sem nisso ofender os Céus
Nem ao respeito ao santo faltar.

Uma cabeça de alguidar
Que está mesmo a meter medo
Ter-vo-lo-ia dito mais cedo
Mas só agora calhou a jeito.

Olhai lá?
A esse respeito estamos agora aqui juntos
E quem sabe?
Se amanhã seremos defuntos
Podíeis tratar do conserto.

Eu... não puxo para mim é certo
Mas sempre tive propensão
Que viesse à minha mão
O dinheiro dos santinhos.

Conhecem a minha opinião
E com franqueza...e com razão
Já que vós tendes dinheiro

Isto sem mostra de inveja
Ponde-o lá onde se veja.

Quem vos fala quer-vos tanto
Mandai-me lá pintar o santo
Tenho gosto que isto se faça
Fazer-lhe também uma vidraça.

E de Cércio da nobre cidade
Ficaria bem na verdade
Mais luzente que Berlim
Convém-vos a vós e a mim.

Esse santo tão festejado
No dia três de Fevereiro
Dará eco ao mundo inteiro
E dos moços desta terra
Dirão todos lá por fora
Isto é que é gente de guerra!

Olhai!
Isto é desenganar
Nada há que sobrepor
Porque vos ficareis muito bem
E eu ainda ficarei muito melhor.

Toda a gente de bom-tom
Certo diz que sim que gosta
E por isso eu então
Espero a vossa resposta.

Diz António Freixo:

Dinheiro ainda deve haver
Mas está por várias mãos.

FIRMINO LOBO

Mas não custa nada a juntar
Porque está em rapazes são
Quando não dissei-me cá
Todo o que tem sido mordomo
Ou que está sendo mordomeiro
Ainda nenhum passou
Pela alcunha de caloteiro.

MATEUS DOS ANJOS

Que alguém como alguma coisa
Não vos deve parecer mal
Ninguém é galego² alugado

² A fama dos galegos, que ajudaram a povoar esta região desde a chamada Reconquista, não deveria ser

Cá no nosso Portugal.

Quando não olhai o ditado
Que diziam nossos avós
Em vez de o comerem os padres
Melhor é roermo-lo nós³.

Mas isto é de brincadeira
Porque em vós bem o sabeis
O que está na minha mão
Não quero ficar com cinco reis.

Se resolveis pintar o santo
Eu nada dele cobiço
O dinheiro que me sobejou
Dou-o para esse serviço.

LÁZARO FREIXO
Então juntar-nos-emos todos
E reunidos é que se trata
Quer-se que a obra fique boa
E sobretudo... que seja barata.

PINTOR
Pois então é melhor
Eu no Domingo venho cá
E se há-de ser mais tarde
É melhor que seja já.

Condoei-vos do S. Brás
Que mesmo no céu coitado
No meio dos outros santos
Deve andar envergonhado.

TABERNEIRO
Pus se lo habeis de dar a outro
Senhor Basílio já está aqui
Trabaja como nunca vi
Entonces que estais aguardar.

Tratai yá de lo ajustar
E no resgateis lo dinero
Estamos por fim de febrero
E sin mas outra discursion.

muito boa. Atestam-no, por exemplo, alguns ditados populares mirandeses como estes: *Cumo sou galbeço nien pago nien nego; Dá-me dinbeiro i châma-me galbeço; Nien te fies an manqueira de fierro, nien an fé de galbeço.*

³ De igual modo, como se constatar por este rífão, também a fama dos padres não era a melhor.

Que lo traga mjo e pronto
En la Páscoa de Ressureicion⁴.

PINTOR
Bebei a pinga e vamos lá
Não esqueçais pois o assunto
Que eu Domingo volto cá
Quero ver o pessoal junto.

ANTÓNIO FREIXO
Pois então é para Domingo
Aí pelo meio-dia
Juntar-nos-emos os rapazes
Na igreja ou na sacristia.

Adeus que haja saúde
Que a mim muito me apraz
Viva a nobre rapaziada
E a pintura de S. Bráz.

Apertam-se a mão e saem, aparece e Fala Só:

Não ouviram a conversa
Do nosso pintor sagaz
Tantas voltinhas lhe deu
Que vai pintar o S. Brás.

A ninguém deve parecer mal
E eu dou-lhe os parabéns
Pois todos andamos no mundo
Para ganhar os seis vinténs.

Chega o Pintor. Aparece no tasco e encontra-se com António Freixo e diz o Pintor:

Bons dias senhor Freixo
Como vai do outro dia.

ANTÓNIO FREIXO
Muito bem e vossa senhoria.

⁴ Através desta linguagem, assim como em posteriores intervenções do Taberneiro, podemos apreciar quanto Basílio Rodrigues dominava a língua castelhana. Sem ser um conhecimento profundo, nomeadamente no que se refere à ortografia, é visível que falaria com um certo à-vontade. A este saber não são alheias nem as seculares ligações da Terra de Miranda com o país vizinho, nem, talvez, a história pessoal do autor com o espanhol Benito Panero. Em todas as intervenções cuja língua seja o castelhana, manteremos também a ortografia original.

PINTOR

Eu tenho andado mal
Para nada me sinto capaz
E se não fosse o S. Brás
Digo-lhe isto muito formal
Não viria hoje cá
Nem por todo o Portugal.

ANTÓNIO FREIXO

Pois não é isso nada bom.

PINTOR

Também eu digo que não
Mas vamos ao resto então
Onde está o pessoal?

ANTÓNIO FREIXO

Estarão aí por esse vale
Onde lhe chamamos as Eiras
Andam jogando ferro e fito
E outros dizendo asneiras.

Para o taberneiro diz o Pintor:

Ó senhor António Branco
Bote uma pinga para cá.

Para o Freixo:

Para que não haja demora
Bebemo-la e vamos já.

*Bebem e saem, encontram-se com Lázaro Freixo,
Firmino Lobo e outros mais. Caminham todos para
a Igreja cumprimentando-se deste modo:*

PINTOR

Bons dias senhores Lobo e Freixo
Como estão? Passaram bem?

FIRMINO LOBO

Perfeitamente e o senhor também?

PINTOR

Ando um pouco achacado
Mas vou indo obrigado.

LÁZARO FREIXO

Então vamos ao S. Brás
Que lhe parece senhor Pintor.

PINTOR

Vamos se fazem favor
Uma vez que estou aqui
Aproveitarei a ocasião
Logo que vós o quereis pronto
Na Páscoa da Ressurreição.

FIRMINO LOBO

Então vamos caminhando
S. Brás queira que assim seja
Os demais já p'rá ai vêm
Juntamo-nos todos na Igreja.

*Entram na Igreja fazem o Sinal da Cruz e diz cá
fora o Fala Só:*

Ó que grandes devotos
São os “quatro mocetões”
Vão passar acima do céu
Com tão largas devoções.

Levantam-se chegam junto do Santo e diz o Pintor:

Louvado sejas São Brás
Mal sabes quanto eu te quero
Para que me livres a garganta
Dos ossos de algum *butelo*.

Vejam lá meus amigos
Se é como eu lhes havia dito
Está mesmo numa miséria
O glorioso santo bendito.

É preciso muito trabalho
Para o pôr em condições
De poder fazer milagres
De ouvir vossas orações.

Tem uma grande cabeça
Não está em proporção
Vede pois se tenho razão
E vós mesmos me haveis de dar.

Tem muito que desbastar
Pois a mitra e a cabeça
Nem que a vós não pareça
Dá lenha para mais de um mês.

E aproveitando os cavacos miúdos
Chegaria até para três

Precisa nova bengala
Um báculo bem lavrado

Na volta bem ornamentado
Como ungado do senhor.
A pintura deve ser a primor
Nas cores que o hábito pede.

Por isso, meus amigos, vede
Quanto trabalho dá
Só o santo sem a vidraça
E se vós quereis que ela se faça
Tem de ser a correspondência
Fica em frente da credência
Onde a luz dá muito bem
Tem de ser bonita também
Caixilhos de boa madeira
Que não seja obra de feira.

Vidros de boa qualidade
E caros que estão na verdade
Uma pintura enriquecida
Com dourados a capricho
Uma obra de criar bicho
E fazer morder de inveja
A todo e qualquer que a veja.

Nas condições que atrás disse
E que todos mui bem sabeis
Junto a vidraça e mais o santo
Tudo por setecentos mil reis.

Aproxima-se mais alguns interessados e diz Firmino Lopes:

Não devemos isso lá chegar
Por tudo isto poderíamos dar
Ainda que isso é bem puxado
Olhai vós outros que dizeis?
Por quatrocentos e cinquenta mil reis.

PINTOR
Não senhor! Isso é pouco...
Mas olhai!
Não quero que digais, sabei
Que eu tenho palavra de rei
São seiscentos e cinquenta
Sabeis que tudo se sustenta
Cada qual daquilo que faz
E portanto meus amigos
Não posso vir mais atrás.

LÁZARO FREIXO

Ainda estamos muito longe
E nós não podemos dar mais
Mas se vós comigo concordais
E por isso não vos zangais
Damos-lhe quinhentos mil reis
Tudo pronto no altar
Em condições de o venerar.

FIRMINO LOBO

Falta cá Mateus dos Anjos
Que também tem algum dinheiro.

LÁZARO FREIXO

Anda com outros arranjos
Foi com as vacas para o lameiro
Até à noite não vem
Está lá a namorada também
Mas por esse não há novidade
Porque já falou a verdade
E disse que dava o dinheiro
E ele não é caloteiro
E ainda de mais a mais
Eu e ele somos iguais
Mordomos ambos de um ano.
Confio no tal fulano
Vamos o ajuste tratar
Que o dinheiro que ele tem
De certo não há-de faltar.

PINTOR

Pois olhai quinhentos mil reis
Bem vedes que é pouco dinheiro
Se quereis um trabalho porreiro
Que se possa apresentar
Dareis seiscentos mil reis
Eu mais não posso baixar.

ANTÓNIO FREIXO

Pois eu vou fazer o terço
Atenção rapazes de Cércio
Não me leveis isto a mal
Olhai lá?
O que eu digo vale?
O senhor pintor há-de entrar
Pelo terço que eu vou fazer.

PINTOR

Entro sim, se me convier.

ANTÓNIO FREIXO

Convém sim senhor, eu sei-o
Vou partir a conta ao meio
Toda a gente muito atenta.
São quinhentos e cinquenta
Falei ou não com razão
Senhor pintor?

Dê cá a sua mão
Que a obra fique boa
É tudo quanto eu reparo
Serviço pronto, dinheiro à frente
Os rapazes solteiros são gente
Não é o andor de Santo Amaro.

PINTOR

Não desfaço da sua palavra
Por ajudar-lhe a sua devoção
Mas vamos lá ver então
Já que a sua palavra vai
Quem é que me dá o sinal.

FIRMINO LOBO

Darei eu cem mil reis
Já não fico tão carregado
Depois de largar os papeis
Ficarei mais descansado.

*Dá-lhe uma nota de cem escudos, depois de receber
diz-lhe o Pintor:*

Pois bem, venha cá o santo
Que o levo já comigo
Oh! Glorioso santo amigo
São Brás do meu coração
Lá para o dia de Páscoa
Vais ficar um pimpão.

*Embrulha o santo num pano, mete-o num saco e
leva-o debaixo do braço. Saem todos da Igreja e diz o
Pintor:*

Fiquem certos meus senhores
Que aí pelo Domingo de Ramos
Eu e S. Brás aportamos
Portanto digo-vos adeus
Respeitáveis amigos meus
Ficai na paz do senhor
A caminho de Vilar Seco
Lá vai o santo e o pintor.

*Separa-se deles levando o santo, toca a música, Fala
Só dança pelo tabuado no final diz Fala Só:*

São Brás e mais o Pintor
São amantes da maroteira
Lá foram dar um passeio
À volta da Peinha Mingueira
Passaram pela Formiga
Pela Quinta de Cordeiro⁵
E pelo caminho inteiro
Nunca lhe doeu a barriga.

Isto é que é uma cantiga
São Brás como um anjo do céu
Lida-se bem com o pintor
Também assim faria eu
Tirou-lhe de madeira quatro arrobas
Da cara, da mitra e da testa
E vestiu-lhe roupa nova
Que pimpão para o dia de festa.

*Abre o Pintor a casa onde se vê pronto o S. Brás.
Aparece Glória Ribeira e diz para o Pintor e mais a
mulher:*

GLÓRIA RIBEIRA

Bons dias senhor pintor
E senhora Maria dos Reis.

GLÓRIA DOS REIS

Bons dias senhora Glória
Por cá hoje que fazeis.

GLÓRIA RIBEIRA

Vimos passear um bocado
Dar por cá quatro sentenças
Como é dia de endoenças⁶
Também fizemos o confessado
Estávamos eu e a minha irmã
Com a senhora Bovineira
E eu disse-lhe desta maneira
Logo cedo de manhã
Aguardai por mim um pouco
Não me deixeis para trás
Que eu não quero ir embora
Sem ir ver o São Brás.

⁵ Todas estas designações toponímicas se mantêm actuais.

⁶ Chama-se *endoenças* à celebração eclesiástica da Paixão de Cristo, na Semana Santa (<latim INDULGENTIAS).

PINTOR

Sim senhor, fico-lhe muito obrigado
O santo já está pintado
Pronto a pôr no altar
É aquele que além vê
Chegue-se a ele pode entrar.

MARIA DOS REIS

Entre senhora Glória
Há-de ver que lindo santo
Levou voltas à memória
Mas ficou que é um encanto.

GLÓRIA RIBEIRA

Sim senhor, está bonito
Lindo que é um primor
Tem ainda mais enfeites
Que um pauliteiro dançador⁷.

PINTOR

Ó senhora Glória Ribeiro
Se nos fizesse um favor.

GLÓRIA RIBEIRA

Faço sim senhor
Se não for muito pesado.

PINTOR

Só era levar um recado
Por escrito para a sua terra
Para os mordomos de São Brás
Animada tropa de guerra
Diga-lhe desta maneira
Está pronta a obra toda
São Brás e mais a vidraça
A banquetta e Nossa Senhora
Amanhã lá vai o trabalho
E quero ver ali a gente
Eu confio bastante neles
É um pessoal excelente.

MARIA DOS REIS

Sabe o quê senhora Glória
O recado mais verdadeiro
Embora eles não apareçam
Que tenham pronto o dinheiro.

PINTOR

Tem lá juízo mulher

O dinheiro certo está.

GLÓRIA RIBEIRA

Lá por isso não desconfiem
Que o dinheiro roda por lá
O recado eu lho darei
Um recado assim à farta
Embora eu não me esqueça
Deixe-me ver para cá a carta.

Dando-lha o Pintor:

Aí tem senhora Glória
Oferecemos-lhe de comer.

GLÓRIA RIBEIRA

Obrigado!
Confessei-me logo cedo
E não quero o jejum perder.

MARIA DOS REIS

Pois então boa viagem
Até amanhã senhora Glória.

GLÓRIA RIBEIRA

Adeus senhora Maria
Levo o recado na memória.

Separaram-se e diz Fala Só:

O santo lá vai para a terra
O serviço pronto está
Mas para fazer as contas?
Ai Jesus! Como será?
Coitado do nosso pintor
Tão pobre como São Francisco
Passou a Quaresma toda
Como diz, a trabalhar para o bispo.

Olé!

Dinheiro? Isso de grilo!
Ai meu pobre coitado...
Melhor jejuaria na Quaresma
Se passa ao menos deitado.

Toca a música.

Aparece o pintor e a mulher e diz Maria dos Reis:

São horas de irmos embora
Que temos muito que andar
A besta está aparelhada

⁷ Os pauliteiros são geralmente designados apenas como “dançadores”.

E o tempo está a passar.

PINTOR

Há já muito que eu estou pronto
E os santos há muito tempo
Aguardando só que viesses
Tu com esse pensamento.

MARIA DOS REIS

Vamos botar com os alforges
Tem conta com o São Brás
Não passe algum desarranjo
Que tenha de voltar atrás.

Carregam dois alforges monta a mulher a cavalo e diz o pintor:

Não te ponhas a mexer
Aguarda não vás embora
Chega-te ao cabo da albarda
Para levar na frente a Senhora.

MARIA DOS REIS

Não me arranjo com a tenda
Que tudo me calha mal
Bota cá então a Senhora
Mas leva de rédea o animal.

O pintor carrega um saco na frente pega na vidraça ao ombro, o animal a rédea caminhando diz o pintor:

Ó Maria!

Parecemos uns ciganos
É um quadro bem bonito
Quem nos vir com esta trouxa
Pensa que vamos para o Egipto⁸.

MARIA DOS REIS

Eu a cavalo na égua
Tu à frente aí ao pé
Eu pareço Nossa Senhora
Tu pareces São José
Mas olha!

⁸ A “fuga para o Egipto”, narrada apenas no Evangelho de Mateus, é uma das histórias bíblicas mais conhecidas, pintadas e apreciadas pelo povo. Na igreja de Nossa Senhora do Naso pode ser visto um quadro representando esta cena onde, para além de Maria, José e o Menino, nos aparece também a palmeira que se curva, em sinal de reverência, um pormenor que não é relatado por S. Mateus mas que provém dos chamados Evangelhos Apócrifos.

Falta uma coisa
Sabes o que é?
É o menino
Se me tens lembrado em casa
Teria trazido o Hermínio.

Chegam ao tasco de Cércio, apeia-se Maria dos Reis descarregando o saco e diz o pintor:

Ó senhor António Branco
Abra a porta se faz favor.

Aparecendo a taberneira:

Señor Basílio que há lhegado
Yá benido mui templano
Como por allá todos bien?

PINTOR

Todos bem e por cá?
O resto da família.

TABERNEIRA

Todos mui bien gracias
La señora Maria tambien está buena.

MARIA DOS REIS

Mui bem e *vocemecê*?

TABERNEIRA

Mui bien gracias
Yá traen el São Brás?

PINTOR

O São Brás e os demais
Que isto não é de brincadeira
Ofício de taberneira
É melhor do que a pintura
Ai! Quem me dera ser cura
Que é ofício mais descansado.

TABERNEIRA

Esso lo ei yo pensado
Mas nó passo de mirar-lo
Bibiendo com mucho trabajo
António ayer ha dicho carajo
Que bida esta tan mala
Aquellos que andam de bengala
Bien limpios e regalados
Com los bicios bien olgados
Nó se recordam de los de más

Mesmo aqui es um descarro
No pagam ni um cigarro
Que son mismo unos calotos
Estos mochachos solteros
E los padres lo mismo dá
Y señor Basilio hoy tampoco
No llevará dinero de cá.

PINTOR
Não me dê esses anúncios
Que eu preciso bem de massa
Por isso esse consolo
Não me o dê nem por chalaça.

TABERNEIRA
Pues esso lo digo yo
E cierto la ba passar
Porque el dinero de São Brás
Ainda está por coroar.

PINTOR
Não nos meta tanto medo
Não nos fale desse modo
Vamos levar os santos à igreja
Adeus patroa, até logo.

Pegam no santo e vidraça e levam à Igreja colocando o trabalho no seu lugar, saem e diz o pintor para a sua mulher:

PINTOR
O serviço está pronto
Mas a massa quando vem?
Mal rais parta os mordomos
Bem pouca vergonha têm
Não aparece aqui ninguém
E os mordomos são tantos
Fazem pouco todos dos santos
Andam todos a trabalhar
E outros fugindo da gente...
Isto não vai de repente.

Sabes o que me está a lembrar
A barriga já dá horas
Vamos saber do jantar.

MARIA DOS REIS
Eu também tenho apetite
Mas ainda queria primeiro
Ficarmos já prontos disto
Recebermos antes o dinheiro.

PINTOR
Pois olha
Andam no trabalho
Até à noite há que aguardar
E depois quando eles venham
Trataremos de nos chegar.

MARIA DOS REIS
Eu queria ir para casa
Que ficou a família só.

PINTOR
Bem me lembro eu dos pequenos
Tenho deles bastante dó
Mas que lhe havemos de fazer?
Anda que vamos à noite
Depois de receber o dinheiro
Eles à noite devem dá-lo
Julgo o caso mais verdadeiro.

Vão para o tasco onde encontram o taberneiro e dizem o Pintor:

Boa tarde senhor António!

TABERNEIRO
Adios senhor Basilio
E mas la senhora Maria
Entonces no quierem comer?
E ba llamar-los todavia.

MARIA DOS REIS
Pois então aqui nos tem
Findou a nossa manobra
Falta-nos receber o dinheiro
Porque já concluímos a obra.

ANTÓNIO BRANCO
El dinero?...
Era buena
Esso tambien queria yó
Pero lo dinero de San Brás
Inda nó se fabricó
Lo digo yó es verdád
Esso lo puede ostéd crer
Quando nó, vamos a ver
Al cabo osted lo dirá
Sabem que más?
Bamos a comer
E a despues se verá

Como la quenta ba a ser.

Entram para dentro. Recolhem-se e diz Fala Só:

Olá gente da festa?
Que vos parece agora desta?
Coitado do nosso pintor
Está agora pior
O São Brás já está pintado
Mas o dinheiro ninguém o dá
Nem as duas nem as três
Sabeis o que era melhor
Despintá-lo outra vez
Olhai!...
Se em todas as obras
For assim afortunado
Pouco tempo vai durar
E há-de morrer bem delgado.

Toca a música. À porta da taberna aparece o pintor e a mulher e diz o Pintor:

Estamos mal com esta vida
O dinheiro ninguém o dá
Um desculpa-se com outro
E de balde aguardamos por cá.

Hoje já não vamos embora
Por força temos de cá dormir
Só amanhã por oito horas
É que poderemos de cá sair.

MARIA DOS REIS
Valha-me Deus que vida
Por causa destes trapaceiros
Não digo que sejam caloteiros
Mas pouco lhe pode faltar
Se não tratam de nos pagar
Eu mostro-lhe a cara das festas.

PINTOR
Ai sim!
A quem?
Ora uma destas.

MARIA DOS REIS
A quem?
A esses escarriotas?

PINTOR
Pois sim!

Tu vês por cá algum
Todos nos fogem à légua
Como os lobos dos archotes
Já falei ao António Freixo
Disse-me que ele não tem nada
Cinquenta mil reis que tinha
Que os entregou ao camarada
Tu de noite não vais embora
E eu tenho de cá ficar
Para ver se os posso juntar
Amanhã ao ir à missa
Não perderei a cobiça
E o dinheiro hão-de largá-lo
Tu logo cedo pões-te a cavalo
Vais para casa e eu fico
Não encontro outro bico
O que nos resta é ficar
E como isto já é tarde
Sabes o quê?
Vamo-nos deitar
É o melhor caminho Maria
Descansa dessas aflições
Deixa-te de imaginações
Que amanhã é outro dia.

MARIA DOS REIS
Eu não durmo nem descanso
Tudo em mim são lembranças
Pensando nas duas crianças
Que deixámos lá em casa
Tenho o peito numa brasa
Por causa desses desalmados
Que deveriam ser castigados
Se fosse de vingança o céu
Porque eles têm tanta religião
Como dinheiro tenho eu
Estou ardendo em chamas
Estou capaz de me matar
Dormir sei que não durmo
Mas enfim... vamo-nos deitar.

Recolhem-se e diz Fala Só:

São Brás
Aonde estás?
Olha que passas por cá
O cofre do teu dinheiro
Por onde é que lhe andará
Quem o agarrou
Não mais o largou
E quem lhe custou a ganhar

Não é capaz de lhe cobrar
O nosso pintor
É o que está pior
Pôs-te pimpão
Mas morde-lhe o cão.

E o teu mordomeiro,
Não larga dinheiro
Lá do céu soberano
Ó santo sobre humano
Olha cá para nós
Ouve este martírio atroz
Condói-te do nosso pintor
Que também é filho de Eva
Neto de Nosso Senhor
Lembra-te que te pintou
E tão lindo te deixou
Olha! São Brás bendito
Se soubesses como anda aflito
Por não receber os dinheiros
Converte os teus mordomeiros
Que não sejam caloteiros
Que sejam bons pagadores
Bem sabes que os pintores
Podem ser *honrrados* e nobres
Mas todos eles são pobres
Para viver honestamente
Do seu trabalho decente
Para viverem com alegria
Precisam de receber
O pão-nosso de cada dia
Meus senhores! Povo nobre e honrado
Isto verdades são
E cá ao nosso Fala Só
Saiem-lhe do coração.

Recolhe-se e aparece o pintor à porta do tasco e diz:

PINTOR
Ó Maria põe-te a pé
Que está o dia a raiar
Desce lá para a cozinha
Que vais tratar de almoçar.

Aparecendo Maria dos Reis:

Por mim não seja a falta
Já há muito que estou a pé
Então se vou almoçar
Que tal o almoço é.

PINTOR
Apenas dois ovos estrelados
E um bife de carneiro
Come breve e põe-te a andar
Que a besta está no palheiro
Eu vou tratar da vida
A ver se recebo o dinheiro.

*Ela recolhe-se e o pintor segue pelo tabuado fora
encontra-se com Manuel Calejo e diz o pintor:*

Meu caro amigo Calejo
Se soubesses como me vejo
Toca-me por cá cada sopa
Nem no nosso tempo de tropa
Vejo-me cá em tais trabalhos
Ó Calejo estes cércios⁹
São uns bandalhos.

MANUEL CALEJO
Então Basílio que te passa?
Sucedeu-te alguma desgraça
Para andares tão zangado.

PINTOR
Ando doido e desesperado
Olha!
Ajustei a pintar o São Brás
Ao ajuste que sei eu quantos fomos
Nesse dia todos eram mordomos
Digo-te a boa fé
Olha se reparares bem
Hoje ninguém o é.

Hoje não é ninguém
Eu preciso dessas migalhas
Mas estão em mãos de uns canalhas
Que voltam a cara à gente
Ando triste e descontente
Não esperava esta bofetada
Julguei sempre esta gente honrada
Mas hoje meu caro Calejo
Sabes qual é o meu desejo?
Escuta lá amigo meu
Desta me tomara eu livre
Que doutra... me livrarei eu.

MANUEL CALEJO

⁹ Os habitantes de Cércio são normalmente designados por “cerceniegos”, deixando assim transparecer o nome mirandês, Cérceno (< quercinus).

Não te zangues caro amigo
Espera que eu te digo
Os mordomos sei eu quem são
Vamos ver onde estão
Um é Mateus dos Anjos
Que anda lá com seus arranjos
Cada qual gira em seu eixo.

Outro é o Lázaro Freixo
Pois não conheces o meu cunhado?
São dos bons rapazes do povo
Também é Firmino Lobo
Que foi quem te deu o sinal
Não te apures por quanto *val*
O santo e mais o dinheiro
Todo aquele que for mordomeiro
Há-de dar o que tiver
Mas tu tens que te entreter
E passar por cá o dia
Hoje é dia de Páscoa
Dia de borgia e alegria.

PINTOR

Para mim é dia de tristeza
Digo-te com toda a certeza
Que ando mais que arreliado
Por me ver aqui demorado
Sujeito a quem não tem pressa
Isto faz-me doer a cabeça
Que nem posso erguer a frente
Minha *mãe* ficou doente
Alimentando apenas esperanças
Que iríamos tratar das crianças
Pelo menos ao anoitecer
Vê lá se é ou não sofrer
Se é preciso um fulano ser forte
Para caminhar por cá sem norte
Como quem vagueia no escuro
Tactando um fraco presente
E antevendo um mau futuro
Reflecte, caro amigo
E pensa o que eu te digo
Os meus pequeninos filhinhos
Entregues somente aos vizinhos
Minha *mãe* que só tem no mundo o meu
amparo
Vê lá tu, faz nisto reparo
Faltou-lhe ela ficou deserdada
A pobre velha ficou abandonada
Julgar-se-á num abismo profundo
Que é o único pensamento

De quem se vê só no mundo
Vê-la
Que triste situação
Um homem
Ao abandono como um cão
Onde uns lhe voltam as costas
E outros lhe negam a razão
Saí de minha casa
À procura de sustento
Para os ente caros que lá deixei
E ando por aqui errante sem alento
Desanimado da vida que nem sei
Vê lá
Se é ou não ingratidão
Prestei o meu serviço a estes fulanos
E escondem-se de mim
Cobardes, *desomanos*
Almas sem vida
Corpos sem coração.

MANUEL CALEJO

Vamos lá Basílio amigo
Vem cá daí comigo
Deixa-te dessa cantiga
Vamos tratar da barriga
Não te estejas a apoquentar
Vamos para minha casa
A comer do meu foliar
Depois iremos os dois
Os fulanos procurar.

PINTOR

Agradeço meu caro Manuel
Mas não posso aceitar
Já mandei fazer de almoçar
Mas se prometes de ir ter comigo
Aceito sim meu amigo
Ofereço-te do meu almoço
Anda daí vamos os dois.

MANUEL CALEJO

Não posso, tenho de ir até casa
Almoça e *pregunta-me* depois¹⁰.

PINTOR

Não te esqueças do meu rogo.

MANUEL CALEJO

Não esqueço
Adeus, até logo.

¹⁰ Ou seja, pergunta por mim depois.

Separam-se. O Pintor vai para o tasco, o Calejo para a ponta do “tabelado” onde se recolbe.

FALA SÓ
Diz um adágio antigo
Quem busca santos encontra Deus
Mas isso não vai a vigor
Senão repara o nosso pintor
Em altos gritos brada os céus
A vozes pede dinheiro

Mas sem se descobrir primeiro
A mina que há-de dar
Metal que há-de cunhar
O dinheiro de São Brás
Para diante e para *traç*
Gastará as suas solas
Para comprar umas castanholas.

Toca a música, sai o Pintor da taberna, encontra-se com Manuel Calejo e diz:

MANUEL CALEJO
Já vinha à tua procura
Vamos lá a saber dos rapazes
A estas horas são capazes
De estar em arrecado

Por isso primeiro que tudo
Vamos buscar meu cunhado.

PINTOR
Teu cunhado não tem dinheiro
Está em mão do camarada
Com teu *conhado* não é nada
Tudo é com o companheiro
Mas ainda o não vi
Nem sua morada a sei
Foi por isso que aceitei
Ser acompanhado por ti.

MANUEL CALEJO
Pois vamos então a casa
Do tal Mateus dos Anjos
Não sei estes marmanjos
Por onde podem andar
Se ele lá não estiver
Trataremos de o ir *boscar*.

Chegam a casa de Mateus dos Anjos e diz Manuel

Calejo, batendo as mãos:

Ó de casa, abram a porta
Ó amigo Mateus
Os teus ouvidos e os meus
Não foram feitos para ouvir.

Mais alto:

Quem está cá?!
Ninguém responde?...

Berrando:

Ó patroa de casa.

De dentro Maria Valentina

Senhor!

MANUEL CALEJO
Caramba
Você tem ouvidos de ferrador

Aparecendo Maria Valentina:

Ai, Jesus
Eu estava na adega.

“Trás” um púcaro mediado na mão direita e um copo na mão esquerda, bebe e continua. Limpa a boca à manga:

Uma pinga é bem que se beba
Hoje é dia de foliar
E a sagrada ressurreição
Muito se deve festejar
Vós que quereis amigos meus?

MANUEL CALEJO
Queria-mos falar ao Mateus.

MARIA VALENTINA
Pois olhai não está aqui
Desde cedo que não o vi.

MANUEL CALEJO
Pois olhe
Está aqui este *sugeito*
Coitado, bem contrafeito
Bem farto de passear

Para diante e para trás
E sem nada adiantar
É o pintor de S. Brás
Queríamos falar ao Mateus
Que também foi mordomeiro
Que também tem algum dinheiro
E é preciso fazer as contas.

MARIA VALENTINA
Valha-vos Deus cabeças tontas
Podeis tirar isso da mente
Porque o caso é mui diferente
Olhai!
O dinheiro do santo gastou-se
Agora não o tem não o dá
Acabou-se
Portanto olhai!
É melhor não o pedir
Ao menos evitai de ouvir
Ele anda meio arreliado
E se vocês lhe falam nisso
Manda-os logo para o diabo.

MANUEL CALEJO
Pois olhe senhora Maria
Se ele procede desses modos
Bem gostaria de ser sempre
Mordomo dos santos todos.

MARIA VALENTINA
Sabes o que é ó Calejo
Lérias não adubam sopas,
O Mateus quer o dinheiro
Para comprar umas opas.

PINTOR
Você é que vestiu boa opa
Uma saia bem rodada
Se nós vamos feitos na fita
Levamos boa talhada
Sabes o que é Manuel Calejo.

MANUEL CALEJO
Vamos embora.

PINTOR
Manda a mulher para o diabo
Vamos saber do tal Mateus
Ou isto é obra do diabo
Ou são os pecados meus.

MANUEL CALEJO
Nem no baile nem nos jogos
Não se encontra o tal amigo
O que muito me admira
Ou está com alguma *femia*
Ou foi para *val de mira*
Que o havemos de encontrar.

*Vão para “val de mira”, encontram-se Alípio
Pimpão e diz Manuel Calejo:*

Olha lá ó Pimpão
Não viste por aí o Mateus.

ALÍPIO PIMPÃO
Em Vale de Mira não está.

MANUEL CALEJO
Que seria dele meu Deus.

ALÍPIO PIMPÃO
Que lhe quereis ao rapaz?

MANUEL CALEJO
Queríamos que ele *larga-se*
O dinheiro que ele deve ao São Brás.

ALÍPIO PIMPÃO
Pois olhai
Também eu tenho um resto
Posso dá-lo se o quereis
É o que me sobejou da festa
São só *cinquenta* mil reis.

É pouco mas é o que tenho
Não sou a mais obrigado
Em saindo da minha mão
Já fico desencarregado.

Recebendo os cinquenta mil reis diz o Pintor:

Sim Senhor
Fico-lhe muito obrigado
É assim que deve fazer
Todo o homem *honrrado*.

ALÍPIO PIMPÃO
Eu bem lho pagaria todo
Se estivesse na minha mão
Dou portanto o que tenho
É a minha obrigação.

MANUEL CALEJO

Nós voltamos para *traz*
O Mateus não está cá
Valha-me Deus e São Braz
Por onde é que andarás.

Voltam-se e separam-se do Alípio Pimpão e diz o pintor:

Senhor Alípio Pimpão
Fico-lhe muito obrigado
Para aquilo que eu *poder*
Tem-me sempre ao seu mandado.

ALÍPIO PIMPÃO

Ora essa?
Não tem nada que agradecer
O dinheiro é do santo
Eu não o podia comer.

PINTOR

É homem de boas contas
Não o digo por estar presente
Mas o senhor não é daqueles
Que voltam a cara à gente.

Adeus senhor Pimpão
Fico em tudo ao seu dispor.

ALÍPIO PIMPÃO

Também ao mesmo me ofereço
Adeus senhor pintor.

Separaram-se e diz Manuel Calejo:

Olha está ali o Mateus
Bem nos custou a encontrar
Anda no jogo do fito
Aguarda que o vou chamar.

O pintor fica o Calejo avança e chega ao Mateus e diz Manuel Calejo:

Boa tarde amigo Mateus
Mal sabes os trabalhos meus
Que tenho por causa de ti.

MATEUS DOS ANJOS

Então eu no que te ofendi?

MANUEL CALEJO

A mim não me ofendeste nada
Mas tenho andado na pingada
Todo o dia a procurar-te
Está ali o pintor a procurar-te
Que precisa de dinheiro.

MATEUS DOS ANJOS

Que dinheiro? Qual dinheiro?

MANUEL CALEJO

O dinheiro de São Brás
Bem vês que já o pintou
E bem bonito que o deixou.

MATEUS DOS ANJOS

Eu não o mandei pintar
Não tenho nada que pagar
Nem estou disso encarregado
Bem sabes que diz o ditado
Quem te mandou pregar frade?
Quem te mandou que te pague
Eu não estive ao ajuste
Nem para isso fui chamado.

MANUEL CALEJO

Chamou-te sim meu cunhado
Mas estavas fora, não vinhas
Andavas por essas cortinhas
Piscando, fazendo figas
Namorando as raparigas
Foste com as vacas para o lameiro
De Retouço o dia inteiro
Estando tu já combinado
Para o serviço ser tratado.
A gente contava contigo
Como quem espera um amigo
Não vieste foi combinado
Como estava ali meu cunhado
Foi o ajuste tratado
Por quem estava presente
E ficou assim assente
O dinheiro é do santo
Não é seu;
Foi o povo que o deu
Portanto a obra que se faça
O Mateus há-de dar a *maça*
Ele é um rapaz verdadeiro
E não anda por caloteiro.

MATEUS DOS ANJOS

Eu agora não tenho dinheiro
Nem o peço emprestado
A tirá-lo a juro também não vou
Manda o pintor para o diabo.

MANUEL CALEJO

Pois por não teres dinheiro
Não deves esconder a cara
Que um boi prende-se pela haste
E um homem pela palavra.

MATEUS DOS ANJOS

Pois o dinheiro eu lho darei
Mas agora não tenho nada.

MANUEL CALEJO

Pois dissesses logo isso
Não escondesses essa cara
Anda cá daí comigo
Chega aqui, faz favor
Combina tu e o pintor
E cumpre a palavra depois.

*Vão os dois para junto do pintor e diz Manuel
Calejo:*

Ora até que enfim Basílio
Cá está o mordomeiro
Mas diz que não tem dinheiro.

PINTOR

Ora essa?
E só por esse motivo
Andava o homem escondido
Pois por isso que se apresente
Que não volte a cara à gente.

MATEUS DOS ANJOS

Eu não andava escondido
Quem é que o tinha dito?
Eu andava a jogar o fito.

PINTOR

Ó senhor Mateus dos Anjos
Todo o dia a procurá-lo
Sem ser possível encontrá-lo
Veja lá?
Eu fiquei ontem cá
Para receber o dinheiro
Gastei hoje o dia inteiro
É já noite e a carteira

Não me rebenta a *aljibeira*
Isso assim não se faz
Que é ofender o São Brás
Pode castigá-lo Nosso Senhor.
Nem que você lhe pareça
Ponha a carapuça na sua cabeça
Proceda como homem sem ronha
Tenha dez reis de vergonha¹¹.

MATEUS DOS ANJOS

Pois eu não o tenho, acabou-se
Foi-se embora, gastou-se
Quando meu pai morreu
Devia mais de cinco contos
Pois *cosendo*¹² uns e outros
Tudo se virou em prontos
Eu era um rapaz novo
Mas era firme como um muro
De todo esse dinheiro
Nunca paguei nenhum juro
Ainda assim me conservo
E assim quero acabar
Até aqui não o paguei
Também o não quero pagar.

PINTOR

É bem bonita doutrina
Revela muito juízo
E o mestre que lhe ensina
Vai passar do paraíso
Que belo calão selvagem
Cá destas terras rurais
Querem a Deus para si
E o Diabo para os *de mais*
Olhe lá?
Se não tem dinheiro hoje
Diga só quando é que o dá
Ficamos certos em um dia
Em lhe dando cumprimentos
Findou nossa porfia
Eu quando receber o dinheiro
É que ficarei descansado
E o devedor ficará
Ao tempo limpo e honrado.

¹¹ No dactiloscrito aparece “dia reis de vergonha”, o que nos parece ser um lapso de quem transcreveu. No entanto, uma vez que, em mirandês, se diz “dieç reis” pronunciando-se “die reis” (sem que ouça a sibilante final), é também possível que o autor a tenha escrito desta maneira, ou com uma ortografia próxima, imitando a pronúncia corrente.

¹² Mirandesismo que significa *tramar*.

MATEUS DOS ANJOS

Eu só posso arranjá-lo
Lá para o fim do mês.

PINTOR

Sim senhor serve bem
Seja para o dia três
Mas veja lá não se esqueça
É dia de Santa Cruz
Tenha o dia na memória
Depois da Senhora da Luz¹³.

MATEUS DOS ANJOS

Eu o dinheiro bem o arranjo
Quero vender uma cabra
Por duzentos e *cincuenta* mil réis
Pego ao comprador na palavra.

PINTOR

Então ficaremos certos
Pode ir tratando da cabra
Que eu dia três venho cá
Quero ver se tem palavra.

MATEUS DOS ANJOS

Pode ir descansado
Que eu não falto ao prometido.

PINTOR

Pois adeus, senhor Mateus
Tenha isso no sentido.

Seguem para o tasco o Pintor e o Calejo e diz o Pintor

Meu caro amigo Calejo
Quanto trabalho tens tido
Todo o dia a andar comigo
À busca destes trapaceiros
Já são *uzzeiros* e *vezeiros*
Nem eu me devo admirar
Creio bem que no dia três
Ainda não me há-de pagar.

MANUEL CALEJO

Paga, que tem boas contas

¹³ Festa e feira popular e transfronteiriça que se celebra no último Domingo de Abril, no Santuário de Nossa Senhora da Luz, situado na Freguesia de Constantim, bem nos limites fronteiriços entre Portugal e Espanha.

E quando paga adiantado
É tido por bom pagador
Não fica descreditado.

PINTOR

Vamos beber uns copos
Que tenho a garganta seca
Estes labregos da breca
Dão-me cabo dos miolos
Ainda me venho a virar tolo.

Diz para o Taberneiro:

Ó Senhor António Branco
Deixe ver uma pinga mais

O Taberneiro lança o vinho e diz o Taberneiro:

TABERNEIRO

Entoces las cuentas de São Brás

PINTOR

As contas de São Brás
Inda ficam para trás

TABERNEIRO

Pois no lo habia dicho yo
Que esso estaba tardio?
Ai senhor Basilio amigo
Que bida los dos traemos
A hosted no lo pagam los santos
E a mi los quartilhos menos.

MANUEL CALEJO

Já o recebe no dia três
Não é lá o prazo tamanho.

TABERNEIRA

Nel dia três? E de que mês?
Si lo recibira de hoy a um año!...

PINTOR

Desculpa amigo Calejo
Vou-me embora para casa
Por ver se espalho estas paixões.

MANUEL CALEJO

Tem lá conta pelo caminho
Não te saiam os ladrões.

PINTOR

Não me estejas a chatear
Não me maces mais a testa
Não me faças *quesiliar*
Que algum dia será de festa
Adeus meu caro Calejo
Adeus até o dia três
Adeus senhora patroa
Senhor António, até outra vez.

Taberneiros em coro:

Adios que haija salude.

Parte o Pintor para Vilar Seco

FALA SÓ
Bem me custa a deter
Por tanta maroteira ver
Ver o pobre pintor coitado
Dia e noite incomodado
Para receber o seu dinheiro
E ir-se embora para casa
Teso como um pinheiro
Olhai lá que vos parece?
Aquele que a razão conhece
E tem esperanças nos céus
Pensará que os caloteiros
Podem ter perdão de Deus?
Sabeis do que eu *soponbo*
Dos caloteiros de São Brás
É que logo depois de morte
Serão entregues a Satanás.

*Aparece o Diabo a um extremo do tablado e diz
Fala Só:*

Ei-lo que já aí vem.

*Fala Só fuge espavorido ficando à espreita no extremo
oposto do tablado enquanto o Diabo fala. O Diabo
busca a Mateus dos Anjos que encontra no meio do
tablado e diz-lhe o Diabo:*

Olá amigo Mateus
Há muito que te procurava!
Movido pela razão
De ter dó da tua cabra
De certo não me conheces
Mas olha que sou teu amigo
Ei-de sempre proteger-te
Enquanto tu fores vivo

Tu disto guarda segredo
Que te peço por favor
Ouvi-te dizer há bocado
Quando falavas com o pintor
Que querias vender a cabra!
Nunca mais soltes essa palavra

Enquanto eu e tu formos vivos
Há-de a cabra criar *chibos*¹⁴
E tu bom amigo Mateus
Atenta bem nos modos meus
Que te falo com amor!
Manda para o diabo o pintor
Que o leve Belzebu
E o dinheiro de São Brás
Comi-o mas é tu
Repara que te digo bem
Falo-te como ninguém
Vê lá será verdade?
Discorro ou não com razão
Anda, fala, diz a tua opinião.

MATEUS DOS ANJOS
Eu digo que falas bem
E amigo como tu
Ainda não encontrei ninguém
Falas-me mesmo ao coração
Segundo a minha opinião
Mas para te poder conhecer
Queria o teu nome saber.

Recuando o Diabo...

O meu nome...
Eu sei lá
Chamo-me Felizbelo
Um nome lindo é verdade
Não vais por certo retê-lo
Sou príncipe num grande reino
Profundo escuro e bem quente
Onde é feliz toda a gente
E tu também o hás-de ser
Se *quizeres* obedecer
Mas guarda isto de cor
Nunca pagues ao pintor
Cumprirás a tua palavra
Olha, não vendas a cabra
Fecha os olhos, tapa os ouvidos
Não ouças pintores, não ouças pedidos
Anda pois daí comigo

¹⁴ Palavra mirandesa. Cf. português “cabrito”.

Vamos os dois passear
Temos muito que conversar
Que eu sempre serei teu amigo.

*O Diabo toma-o pelo braço e recolhem-se os dois.
Fala Só que esteve ao cabo do tablado escutando e
fazendo trejeitos diz:*

Já se foi o tal fulano
Tinha léria de cigano
Com modos de cidadão
E andava bem pimpão
Bota preta sem igual
Parecia um general
Trunfa cornada, cadeia na mão
E que lindo cinto trazia
Era mesmo um figurão.

Fim da primeira parte. Toca a música.

SEGUNDA PARTE

*Aparece Fala Só proclamando a segunda parte do
prólogo.*

FALA SÓ
Povo honrado e mui selecto
Em resumo vos venho anunciar
A segunda parte da obra
Que se está a representar.
No dia três de Maio
De mil novecentos e vinte e seis
Foi o nosso pintor a Cércio
Para receber quatrocentos mil reis
Como tinha sido combinado
Julgava que recebia
Mas não recebeu um centavo
Passando por lá noite e dia
Não lhe pode sacar nada
Aos tais moços da *bofanda*¹⁵
Por isso mandou pagar-lhe
Ao senhor Guerra¹⁶ de Miranda
O que restava combinou
Aguardar ao fim de Verão
Mandou lá nesse tempo a mulher
Um disse-lhe logo que não

¹⁵ Forma mirandesa, normalmente escrita “bufanda”, que significa cachecol. Cf. castelhano: *bufanda*.

¹⁶ Valentim Guerra era o Presidente da Comissão Executiva da câmara Municipal de Miranda do Douro.

Foi o tal Mateus dos Anjos
O tal que negou o dinheiro
Desculpe chamar-lhe pelo nome
Que é um grande caloteiro
Voltou a mulher para casa
Da sua vida desconsolada
Quando encontravam o caloteiro
Não lhe podiam sacar nada
Em Novembro do ano findo
Foram a Cércio trabalhar
O pintor e a mulher
Trataram logo de o avisar
Dinheiro nem um centavo
Saía com mil trapalhadas
Que queria vender uma vaca
Mas isto era só léria
Esquecia-se do santinho
E o pintor pediu-lhe à conta
Que lhe desse uma carga de vinho
Nem vinho nem aguardente
Nem cousa alguma de trincar
Pouco servia apurá-lo¹⁷
Se não tinha intenção de pagar
Então o pintor mui aflito
Nunca ninguém tanto se veja
Que lhe havia de lembrar
Tira-lhe o santo da Igreja
O pintor levou o santo
Sem intenção de lho roubar
Foi para obrigar desse modo
O caloteiro a pagar.
Mas aquelas almas danadas
Sem vergonha nem pudor
Em vez de pagar o santo
Vão dar parte do pintor
Quando iam no Vilarinho¹⁸
Em frente dos arcos do cano
Eis que sai o diabo
Maligno, tentador, desumano
Chegam a Miranda, dão parte
Com perverso furor raivoso
Em seguida é o pintor chamado
À administração de Vimioso
É ouvido
Fala a verdade
Como a sua consciência manda

¹⁷ Meter pressa.

¹⁸ O Aqueduto do Vilarinho é uma obra de finais do século XVI, sobre a Ribeira do Vilarinho, mandado construir pelos bispos de Miranda, para a abastecer de água a nova cidade episcopal.

E passados dias apresenta-se
Na Administração de Miranda
Mas o senhor administrador
Com probidade e competência
Manda ir ali os queixosos
Chamados com toda a urgência
Na presença dos queixosos
É interrogado o pintor
E ouvido com atenção
Pelo senhor administrador
Logo que ele compreendeu
Quem é que tinha razão
Manda pôr ali o santo
Sem nenhuma detenção
E manda pôr ali o dinheiro
No prazo de dois dias
Por isso marcham para Cércio
Ambos cheios de agonias
Obrigam Mateus dos Anjos
A apresentar o dinheiro
Juntando-se para obrigar
Em Cércio o povo inteiro
Mal ele largou o dinheiro
Correu pelo povo o eco
E partem logo dois fulanos
Buscar o santo a Vilar Seco
Era meia-noite em ponto
Não se sentia algum rumor
Quando batem os tais moços
À porta do nosso pintor
Levantou-se o pintor da cama
Foi ver se conhecia as fardas
E viu então dois fulanos
Sobre uns burros sem albardas
Entraram, pagaram o santo
Não ficaram a dever nada
Apresentou-se com ele em Cércio
Às duas horas da madrugada
Findou o meu arrazoado¹⁹
Desculpem as palavras más
E peço também desculpas
Ao bendito e glorioso São Brás
Por isso vos peço licença
Que me vou já retirar
Prestai a vossa atenção
Que a obra vai continuar.

*Corteja e recolhe-se. Aparece o Pintor encontrando-se
com Manuel Calejo e diz o Pintor:*

Graças a Deus Manuel Calejo
Sou feliz porque te vejo
Os olhos mos guarde Santa Luzia
E o mesmo a ti até ao fim da vida.

MANUEL CALEJO
Como vais, tens saúde?

PINTOR
Saúde, mais que o diabo...
Dinheiro, nem um centavo.

MANUEL CALEJO
Então *zangas-te* por esse motivo.

PINTOR
E se te parece meu caro amigo
Andar um homem sempre debaixo de um
pêro
Sempre a gemer e sempre teso.

MANUEL CALEJO
Então ainda as contas de São Brás.

PINTOR
Deixa-me
Que as leve Satanás.

MANUEL CALEJO
Então o Mateus ainda não pagou?

PINTOR
Nem pagou nem pagará
Nem o diabo o quer já lá.

MANUEL CALEJO
Então que resposta te deu?

PINTOR
Ai! deixa-me pelo céu
Ainda não fui capaz de o ver
Como sabe que estou cá
De certo se pôs a mexer
Não teme a Deus nem ama a Jesus
Senão de certo se lembrava
Do dia de *santa crus*.

Olha o Calejo, amigo franco
Vim de manhã fazer um trabalho
Ao nosso amigo António Branco
Pois olha,

¹⁹ “Razoado”.

Nem ele nem os mais vi
Graças a Deus que te encontrei a ti
Que és o *balsamo* das aflições
Que de resto ó Calejo;
Isto são uns maganões
Eu já nem o dinheiro espero
Só quero contigo desabafar
Porque esse grande safado
Só pensa em me intrujar
Deixa-o lá com um raio
Que se farte de dinheiro
Que *roia* as tripas do santo
E que ponha as dele de fumeiro.

MANUEL CALEJO

Vê lá!
Não fales desses modos
Olha que o tal Mateus
Ainda não é mau de todo
Vamos lá falar com ele
E alguma coisa há-de dizer
Também com a nossa visita
Bem pouco pode perder
Olha!
Aí vem ele se não me engano
Ó Mateus dos Anjos.

MATEUS DOS ANJOS, *para o pintor Manuel
Calejo:*

Não te disse que era o fulano.

Para o Mateus:

Vem cá ó amigo Mateus
Os teus trabalhos e os meus
Trazem-nos atrelados
Maldito azar dos nossos pecados
Olha lá?
Não vês ali o pintor?
Deus me valha Jesus
Hoje é dia de *santa crus*
Não te lembras ó Mateus
Que há algum tempo atrás
Prometeste de pagar hoje
A pintura de São Brás.

MATEUS DOS ANJOS

Pois lembro sim senhor
Mas não tenho hoje dinheiro
Que aguarde mais o pintor.

PINTOR

Ó senhor Mateus dos Anjos
É essa a sua palavra
Não se lembra que prometeu
Que ia vender uma cabra.

MATEUS DOS ANJOS

Queria vender a cabra
Mas a cabra não se vendeu
E agora por esse motivo
Não me faço em dinheiro eu.

PINTOR

Veja lá homem
Que estamos nós a maçar
Diga ao menos de uma vez
Não pago, não quero pagar.

MATEUS DOS ANJOS

É que eu quero pagar.

PINTOR

Ai sim, quer pagar?
Mas quando?

MATEUS DOS ANJOS

Quando tiver dinheiro na carteira.

PINTOR

Pois sim,
O pobre pintor que aguarde
Nem que seja a vida inteira
Eu preciso do dinheiro
Agora nesta ocasião
Já sabia que tinha de o dar
Não quer, diga logo que não
No seu serviço gastei o meu tempo
Gastei os meus materiais
E agora para pagá-los
Precisa dos meus cabedais
Comprei os vidros em Miranda
Aqui junto da sua terra
Estou-os ainda devendo
Quero pagá-los ao senhor Guerra
Se você quer ficar nisso
Podemos assim combinar
Deia-lhe duzentos mil reis
Mas não pode muito tardar
E os outros *cinquenta* mil reis,
Veja se eu sou formal ou não,

Os outros *cincuenta* mil reis
Espero-lhe até o fim de Verão.

MATEUS DOS ANJOS
Pois então eu fico nisso
Pode-se ir descansado
Que dentro de pouco tempo
Será esse dinheiro pago.

PINTOR
Veja lá no que se mete.

MATEUS DOS ANJOS
Vá embora que Mateus dos Anjos
Nunca falta ao que promete.

PINTOR
Então adeus, não pode faltar.

MATEUS DOS ANJOS
Vá descansado
Não se há-de queixar.

Separam-se. À porta diz Mateus dos Anjos:

Se outro não comeres
Antes destes receberes
Pouco vais engordar
Cedo há-de morrer.

Para o Calejo:

PINTOR
Adeus ó Calejo amigo
Eu já teria enlouquecido
Se tu não andasses comigo
Vou-me embora que é já tarde
Por tudo, amigo Calejo, Deus te guarde
Adeus!
Desculpa por tanto te maçar
Como sempre ao teu dispor
Para tudo o que eu prestar.

MANUEL CALEJO
Basílio amigo, adeus
Nada tens que agradecer
Até um dia se Deus quiser.

*Separam-se o pintor vai para o tasco onde lhe diz
António Branco:*

Señor Basílio ha demorado
Bien carregado de dinero
My parece que tray mucho
Que ha entrado mui somero.

PINTOR
Eu não sei que diga a isto
A tão longa penitência
Em Cércio não há dinheiro
Ou acabou-se a consciência.

TABERNEIRA
Entonces lo São Brás
Ainda no se an pagado.

PINTOR
No me lo han pagado
Somente me trazem empalhado
Mas olhe que esta brincadeira
De me andarem a empalhar
Por certo não dura sempre
Nem bom *resoltado bem* dar.

ANTÓNIO BRANCO
El dinero si se lo dá
Que no és mal pagador.

PINTOR
Já mo devia ter dado
Sem lhe ficar em favor
Depois de o haver ganhado
Adeus que me vou embora.

TABERNEIRA
No, no se baia a esta hora.

PINTOR
Vou sim senhor, adeus
Não findam os trabalhos meus
Adeus até outro dia.

TABERNEIRA
Pus bueno adios
Recuerdos a la senhora Maria.

PINTOR
Farei presente, obrigado.

Parte o pintor para Vilar Seco.

FALA SÓ

Há muito que o nosso pintor
Lá por Cércio trabalhava
E naquele povo confiava
Era gente de por aí além
Que pagava muito bem
Se não era no seu dia
Era quando o devedor podia
Mas agora o tal Mateus
Já me não está a cheirar bem
Porque é muito trapaceiro
Mas sem direito de autor
A ordem do nosso pintor
Quero colocar-lhe nas costas
O nome de caloteiro.

*Chega-se Mateus dos Anjos e Fala Só “coloca-le”
com dois ganchos, uma placa de quarenta centímetros
com o nome em grandes letras, CALOTEIRO.*

*Mateus dos Anjos que enquanto lhe é colocada a
placa olha ao longo do tabulado de perfil ao público,
corteja, pede licença: “Meus senhores, com licença” e
volta as costas ao público por forma que todos “vem”
novamente. Volta-se, corteja e volta-se e recolhe-se.
Chega o Pintor a casa e diz para a mulher:*

Ó Maria
Abre-me a porta
Que venho cheio de aflições.

MARIA DOS REIS
Então que desastre te passou
Saíram-te talvez os ladrões?

PINTOR
Qual ladrões nem que diabo
Se eu não recebi um centavo
Olha Maria
Põe atenção ao que te digo
Que falo sem reticência
Em Cércio não há dinheiro
Ou acabou-se a consciência
Para te dizer a verdade
Não recebi lá um pataco
Já teria morto de arrelia
Se precisasse de comprar tabaco
Voltamos ao tempo antigo
O tempo de troças na terra
Duzentos mil reis de São Brás
Mandei dá-los ao Senhor Guerra
Eu não queria dever-lhe
O dinheiro por mais tempo

E como eles o não largavam
Veio-me isso ao *pensamento*
Fico ao menos descansado
Com aquela conta paga
Como lhe disse que pagava logo
De contínuo nele pensava.

MARIA DOS REIS
Mas não ficaram liquidados
Porque o dinheiro era mais.

PINTOR
Pois sim, mas ao outro parceiro
Fiz-lhe outros tratos iguais
E o tal Mateus dos Anjos
Ainda não ficou limpo, inda não
Ficaram-lhe cinquenta mil reis
Mas aguardando ao fim de Verão.

MARIA DOS REIS
Aguardando ao fim de Verão
E também ao fim do Inverno!
Esses malditos caloteiros
Já deveriam estar no inferno.

Recolhem-se. Aparece Fala Só e diz:

Os caloteiros no inferno?!
Essa bonita está
Mas nem de Verão nem de Inverno
O diabo não os quer lá.

O diabo tem boas contas
A quem o serve paga bem
Por isso só quer no inferno
Quem não deva nada a ninguém.

*Toca a música. Aparece o Pintor e a mulher e diz o
Pintor:*

O fim de Verão já passou
Estamos no fim da sementeira²⁰
Parece que não será asneira
Vê lá que dizes Maria
Sabes o que me parecia
Escuta que dizer-te vou
Desde que no mundo estou
A toda a gente que me conhece

²⁰ Por aqui se pode apreciar a forma como o tempo era contado: através dos ciclos da natureza e dos trabalhos agrícolas.

Ouvi dizer a este rifão
Quem não aparece esquece
A esse respeito então
Parece-me que é melhor
Agora já não faz calor
Nem o frio produz afrontas
Vais a Cércio no Domingo
A cobrar aquelas contas.
Tu sabes bem quais são
Não sendo assim nada se faz
Aproveita com a do São Brás
E as outras a proporção
O resto de São Brás são
Cinquenta mil reis somente
Tu não abaixes a frente
Que trate de te pagar
O dinheiro é do santo
Tem obrigação de o dar.

MARIA DOS REIS

Do São Brás é mais dinheiro
Porque o maldito caloteiro
Que é a nódoa daquela terra
Que foi tão sério nos seus pratos
Que não pagou ao senhor Guerra
Assim mo disse há dias
Quando eu estive lá
Não estavas tu por cá
Dizendo-me que há dias atrás
Viu passar o tal rapaz
Depois de o chamar lhe falou
Porém ele o insultou
Dizendo-lhe que não devia nada
Uma fera desmascarada
Que bramiu com ira e furor
A você não lhe devo nada
E outro tanto ao pintor.

PINTOR

Pois lá do tal caloteiro
Não conhecia essa bravura
Apura-o com fartura
Faz-lhe pagar sim senhor
Que o ponha ali à pocinha
Já não faz grande favor
Custou bastante a ganhá-lo
Mas ainda custa mais a cobrá-lo
Eu tenho de ir embora
Sairei amanhã para fora
E tu trata dessa cobrança
Não a percas de lembrança

Arranja-te como puderes.
Cá com os teus afazeres
Olha lá não ponhas isso em banda
Lá irei eu a Miranda
E pago a conta ao senhor Guerra
Eu por estar fora da terra
Não me esqueço da vida de cá
Já te disse, no Domingo vais lá
Que eu tenho de andar por fora
Está o caso combinado
Anda daí vamos embora.

Recolhem-se, aparece Fala Só e diz:

Que enganada anda a gente
Por este mundo de Cristo
Que vos parece agora disto
Valha-me Nosso Senhor
Ai coitado do pintor
Quanto trabalho gastou
Para fazer o concerto
Do tal São Brás de Cércio
E bem pouco aproveitou
Vai de cá para lá
E de lá para cá
Ninguém lhe dá dinheiro
Grita que nem um azeiteiro.

“Sae” Maria dos Reis e vai a Cércio. Encontrando-se com Mateus dos Anjos junto do tasco e diz-lhe Maria dos Reis:

Bons dias Senhor Mateus
Ora até que enfim
Graças a Deus
Haja um grande bocado
Que por si tenho *preguntado*.

MATEUS DOS ANJOS

Pois agora já cá estou
Veja lá então o quer?

MARIA DOS REIS

O senhor já o deve saber.

MATEUS DOS ANJOS

Não. Decerto eu não sei.

MARIA DOS REIS

Pois então eu lho direi
Mas não se faça esquecido
Porque eu tenho entendido

Para diante e para trás
Que o dinheiro de São Brás
É o senhor quem o deve
Portanto dê-o cá de breve²¹
Cumprirá o seu dever
Pois eu vim para o receber.

MATEUS DOS ANJOS
Não devo dinheiro algum
Não tenho nada que dar
Pelo caminho donde veio
Pode tornar a voltar.

MARIA DOS REIS
Você nem diga isso
Que desonra esta terra
Há muito ficou de pagar
O dinheiro ao senhor Guerra
E agora vem negá-lo
Dizendo que não deve nada
Ponha em vista os seus deveres
Tenha vergonha nessa cara
Porque lá esses seis vinténs
Não os paparará como figos
Você mostra que não tem vergonha
Nem cara de grandes amigos.

Retirando-se, Mateus dos Anjos:

Eu ao Guerra nada lhe devo
E a você não lhe devo nada
Não dou o dinheiro de São Brás
A nenhum filho de mulher *honrrada*.

Seguindo-o, Maria dos Reis:

Pois não lhe ficará no bolso
Garanto-lhe que o há-de largar.

Já longe, Mateus dos Anjos:

Pois sim embargue-me os machos
Vá-me mandar obrigar.

Recolhe-se e continua Maria dos Reis

Obrigado vais ser
É bem certo ó marmanjo
Há-de chegar o tempo
Para te tratar do arranjo.

Junto à taberna, diz-lhe a Taberneira:

Entonces senhora Maria
No lo hay querido pagar.

MARIA DOS REIS
É o mesmo! Estes marmanjos
Há mesinha para os curar
Os outros foram *prodentes*
Liquidaram o seu dinheiro
Mas há remédio para curar
Este maldito caloteiro.

TABERNEIRA
Ay senhora Maria
Que mui mal la ha tratado
Nó basta ser mal pagador
Que tambiem ser mal criado.

MARIA DOS REIS
Adeus, até outro dia
Não sei quando será
A contas com esse malandro
Bem certo, não volto cá.

TABERNEIRA
Adios senhora Maria
Dios le de más dinero
Do que ha quitado hoy
Deste maldito calotero.

Separaram-se saindo Maria dos Reis para Vilar Seco.

FALA SÓ
Esta lida tão comprida
Esta maldita cantiga
Que nada enche a barriga
Somente atrapalha a vida
Nunca mais há-de acabar
Aonde é que irá parar
Esse trapalhão rapaz
Caloteiro de São Brás
Mas vede a pobre mulher
Do nosso pintor coitado
Que saiu daqui a Cércio
Em busca daquele desalmado
Como foi de afortunada
Dinheiro dele não viu nada
Depois de trabalhos tantos
Deve-lhe ficar a boca doce

²¹ Cf. mirandês *debrebe* (depressa).

Para em Cércio pintar santos.

Toca a música. Aparece em Cércio o pintor encontrando-se com Manuel dos Anjos e diz o Pintor:

Bons dias, senhor Mateus
Como vamos de saúde?

MATEUS DOS ANJOS
Bem, como tem passado?

PINTOR
Vou indo pelo costume.

MATEUS DOS ANJOS
Então agora por cá?

PINTOR
É verdade!
Por uns dias
Por aqui será
Estamos fazendo *concerto*
Ao altar do Senhor do Amparo
Começámos ontem a obra
Leva tempo o tal reparo
Talves ao cabo de dez dias
Apresente-mos obra pronta
Já vê que durante esse tempo
Tem de nos pagar a conta
E já não é sem tempo
O senhor prometeu-me no Naso²²
Quando eu cá viesse pagar
Vim cá o trabalho ajustar
E até hoje nada recebi
E por isso hoje estou aqui
E demoro cá uns dias
É forçoso dar-me o dinheiro
Isso por todas as vias
Já vai fazer dois anos
Que lhe pintei o São Brás
É vergonha não estar liquidado
E sempre de diante para *tráz*.

MATEUS DOS ANJOS
Pois veremos nós lá a ver
E não tenho dinheiro agora
Queria vender uma vaca
Vamos ver se a ponho fora.

PINTOR
Pois veja lá
Lembre-se disso
Que são contas mui atrasadas.

MATEUS DOS ANJOS
Pode ser que venda a vaca
Para a feira de Malhadas
Se a vaca se vender
Talvez se arranje modo
Veremos lá nós a ver²³.

Fique em paz até logo.

Safa-se. O Pintor segue para o tasco e Mateus dos Anjos para a sua casa e vai dizendo aparte Mateus dos Anjos

O dinheiro de São Brás
Juro não pode vencer
Por mais vezes que o peças
Nunca o hás-de receber.

Recolhe-se.

FALA SÓ
As amostras não são más
Não vistes o mordomeiro
Do dinheiro de São Brás
É um autêntico caloteiro
E pouca diferença lhe faz.

Aparece no tasco Mateus dos Anjos, encontrando-se com Maria dos Reis e diz-lhe Mateus dos Anjos:

Boas noites companhia
E mais a senhora Maria
Está boa?
Vou indo! E a sua pessoa?

MATEUS DOS ANJOS
Ainda estou melhor do que parece
A senhora não me conhece?

MARIA DOS REIS
Não conheço... a ver se me inteiro.

MATEUS DOS ANJOS
Sou o que lhe devo o dinheiro.

²² A romaria de Nossa Senhora do Naso tem lugar no dia 8 de Setembro.

²³ “haver”.

MARIA DOS REIS

Ah! já sei... o dinheiro de São Brás
Se soubesse que falta nos faz
A gente anda atrasada
Com a vida atrapalhada
Olhe que as coisas estão feias
E o dinheiro em mãos alheias
Não remedeia a nossa vida.

MATEUS DOS ANJOS

Pois sem o ter não o posso dar
Em o tendo poderei pagar.

MARIA DOS REIS

Olhe lá senhor Mateus
Falou-se aqui há bocadinho
Que o senhor vendia vinho
Tanto faz que seja dinheiro
Como coisas que encha a tripa
Precisamos encher uma pipa
É um adágio verdadeiro
Pagar dívidas são virtudes
Dê-nos cinco ou seis almudes
Falando as cousas é que se trata
Uma conta outra mata
O senhor paga a sua dívida
E nós dirigimos a nossa vida.

MATEUS DOS ANJOS

O ano passado vendi algum
Este ano não vendo nada
Para quanto nós colhemos
Gasta-se bem em casa
Adeus, até logo que me vou.

MARIA DOS REIS

E bem contente que me deixou.

*Retira-se Mateus dos Anjos encontrando-se com
Manuel Calejo que lhe diz:*

MANUEL CALEJO

Eu e tu chegamos bem
Queres vir até o tasco
Se queres vir anda cá.

MATEUS DOS ANJOS

Do tasco venho eu.

MANUEL CALEJO

Não viste o pintor lá?

MANUEL CALEJO

Pois então já lá não vou
O outro dia falou-me em ti
Por causa daquele restinho
Podias-lhe vender algum vinho
Que ele disse-me que aceitava
E até a importância que fosse
Ficar-te-ia a conta paga.

MATEUS DOS ANJOS

Olha lá, ó Calejo
O dinheiro não é teu
E o vinho que eu colhi
Quero mas é bebe-lo eu
O pintor terá de aguardar
Eu quando tiver dinheiro
É que lhe poderei pagar.

*Vão caminhando até ao extremo do tabulado e vai
dizendo Manuel Calejo:*

Tu bem sabes que já é tempo
O pintor já aguardou bastante
Já vai completar dois anos.

MATEUS DOS ANJOS

Pois que aguarde o restante
Ainda tem que aguardar
Porque eu sem ter dinheiro
De certo não hei-de pagar.

*Recolhem-se à ponta do tabulado; aparece Fala Só e
diz:*

A pedra dura, mal se fura
Assim é o tal Mateus
Só por divina graça
Poderia abrandá-lo Deus.

*Aparece o Pintor e a mulher fora do tasco e diz o
Pintor*

Isto está-me a chatear
De contínuo a trabalhar
E a vida cada vez pior
Valha-me Nosso senhor
Andar para diante
Andar para traz
E a conta de São Brás
Não há meio de me vir à mão

Faz-me doer o coração
O *despreso* com que sou tratado
Por isso ando desesperado
E sabes o que me lembrou no entanto
Vamos levar *com nós* o santo
Em se encontrando sem ele
Certo vão à procura dele
E para o voltar e levar
Não lho dou sem mo pagar
Que te parece?
Está bem pensado?

MARIA DOS REIS
Está sim!
Acho que está muito bem
Foi um acordo²⁴ de *pori-além*.

PINTOR
Pois olha
Amanhã vamos embora
Sairemos cedo a boa hora
Que nos não vejam levar o santo
Mas ainda quero no entanto
Falar ao tal mordomeiro
A ver se dá vinho ou dinheiro
Vamos a casa procurá-lo
Que agora é fácil encontrá-lo.

MARIA DOS REIS
Uma vez que estamos cá
Pouco nos pode custar
E nos der má resposta
Já não devemos estranhar.

PINTOR
Pois anda daí comigo
Vamos ver o tal amigo
Que já disse para o obrigar
Teremos muito que gastar
E eu sem gastar um centavo
Quero que me pague pocinha
Ainda que berre o diabo.

Chegam a casa dele e diz o Pintor:

Olá, ó senhor Mateus

*Aparece a mãe Maria Valentina toda esguedelhada,
vestida com um saiote e diz:*

MARIA VALENTINA
Ail... era o senhor pintor

PINTOR
É verdade somos nós
Se nos quer dar de almoçar
Poderemo-lo aceitar.

MARIA VALENTINA
Pois olhe andava agora a fazê-lo
Se são servidos, vamos comê-lo.

MARIA DOS REIS
Obrigado, bom proveito.

PINTOR
O senhor Mateus dos Anjos?

MARIA VALENTINA
Olhe, ajuntaram-se a outros marmanjos
Exercitaram-se de maneira
Que foi à Ribeira de Angueira.

PINTOR
Pois *queria-mos* lhe falar

MARIA VALENTINA
Os senhores queriam dinheiro
Mas o que tem não o pode dar
E os senhores têm que aguardar.

PINTOR
Valha-me Deus
Quanto eu tenho aguardado
Com bem pouco resultado
Olhe nem só com dinheiro
É que pode pagar a conta
Dê-nos pão centeio ou trigo
Castanhas ou até bolotas
Mas que não sejam *mamotas*
Porque nós tudo aceitamos.

MARIA VALENTINA
Pois nada disso nós lhe damos
Aquilo que colhemos bem o gastamos.

PINTOR
Mostre a sua boa vontade
Dê-nos metade de um toucinho
Ou duas cargas de vinho.

²⁴ Ou seja, uma lembrança.

MARIA VALENTINA

Vinho agora não pode ser
Porque o nosso está a ferver
Andamos bebendo o do *avó*
Mas é fraco não *val* um *bilho*²⁵
Aí pela festa de São Brás
Mais adiante ou mais atrás
Dois ou três cântaros posso lhe dar
Quando muito se lá chegar.

PINTOR

Pois bem então adeus
Seja como a senhora quiser.

MARIA VALENTINA

Adeus, até nos *voltar-mos* a ver.

Saem e diz o Pintor para a mulher

PINTOR

São bicudos como canários
Estes pulhas salafrários
O dinheiro hão-de largá-lo
E para que o caso assim seja
Vamos lá até à Igreja
O santo que está *embrolhado*
Tens um pano aseado?

MARIA DOS REIS

Tenho sim, bem *arecadado*
Vamos tirá-lo do altar
E trataremos de o *embrolhar*.

Entram na Igreja, benzem-se e diz o Pintor:

O Báculo fica cá

A *cajata*²⁶ que o santo tem
Levá-la não nos convém
Porque a podemos quebrar
E depois o *resoltado*
É termos de a *concertar*.

MARIA DOS REIS

Desce lá o santo depressa
O que estás fazendo então
Aguardas que alguém venha

E nos lance a absolvição.

Descendo o santo

PINTOR

O santo é que vai absolvido
Bem contente e satisfeito
Olha que ele está benzido
Não lhe faltes ao respeito
Mete-o na *alforge*²⁷ embrulhado
Que vá bem acautelado
Deixo-lhe o Báculo na vidraça
E ponho-lhe por chalaça
De papel este linguado
Que escrevi há²⁸ um bocado
Isto lembrou-me a mim.

Lê o papel:

E o papel diz assim:

São Brás envergonhado
Por causa de um caloteiro
Fugiu do tal trapaceiro
Bem triste e desconsolado
Por se encontrar empenhado
Com dívida de dois anos
Se houver alguns fulanos
Que o desejam de o encontrar
Tratem de o ir buscar
O caminho bem o saibem
Devendo porém levar na mão
Duzentos e cinquenta mil reis.

Enlaça o papel no Báculo, este na vidraça e diz para a mulher:

O contrato fica feito
Saíamos daqui para fora
Quando se lembrarem do santo
Já nós temos ido embora.

MARIA DOS REIS

Vou satisfeita graças a Deus
Acompanhada de São Brás
Hão-de nos ajudar os céus
E os marmanjos, tu verás
Se trata de nos pagar
Até os demais *ao-de* obrigar.

²⁵ “Bilhó”, ou seja, castanha assada e descascada, significando, neste caso, algo de pouco valor ou importância.

²⁶ Cf. mirandês *cajata*.

²⁷ Alforja, em mirandês, é um substantivo feminino.

²⁸ “a”.

Vão saindo e encontram-se com Manuel José Sapateiro e dizem-lhes Manuel José Sapateiro:

Então já vão embora?

PINTOR

Sim senhor, acabou-se a obra.

JOSÉ MANUEL SAPATEIRO

Pois eu quero ir ver
Senão não posso dizer
Ainda não vi pronto o galo
E vi de manhã desenhá-lo.

PINTOR

Nós saíamos de vez
Mas se quer voltamos os três
Mas olhem, sabe o que é
Está-me a trouxa a pesar
Vão os dois ver o altar
Como é noite e faz escuro
Acendam vela ou lanterna
Que eu vou indo para a taberna.

MARIA DOS REIS

Vamos senhor Manuel José
Ver o serviço em conjunto
Foi preciso trabalhar muito
Para chegarmos à conclusão
Mas ficou com perfeição.

Entram e alumiam com uma vela e dizem o Manuel José Sapateiro:

Sim senhor está bonito
Mesmo o galo é um pimpão
Um trabalho de eleição
Capela e altar tudo novo
Deve ficar a gosto do povo
Vamos lá pois embora
Fico contente com a obra
(*ao sair*)
A porta fica fechada.

MARIA DOS REIS

Fica sim senhor
Tem a fechadura desarranjada

MANUEL JOSÉ SAPATEIRO

Pois não fica muito bem.

Vão saindo.

Pode entrar de noite alguém
Mas aqui não há que roubar
Mais que os santos do altar
Os santos ninguém os quer
Se fosse coisa de comer
Posso dizer com fartura
Que não ficaria mui segura.

Chegam junto da taberna e separam-se; entrando Maria dos Reis no Tasco; aparece Fala Só e diz Fala Só:

O São Brás está *empalmado*
Mas está bem arrecadado
Olá Mateus dos Anjos
Encomenda-te aos arcanjos
A ver se te dão favor
Mas creio que só te resta
Pagar o santo ao pintor
Mas *trambicou-te* com esta
Porque a trazer-to não vem
E sem dinheiro não *tu dá*.

Toca a música. Aparece junto do Tasco o pintor a mulher Calejo e os dois taberneiros e dizem o Pintor:

São horas de partir embora
Por isso vos digo adeus
Rogai por nós aos céus
Pela nossa viagem boa
Adeus senhora patroa
Adeus senhor António Branco
Desculpem o trabalho tanto
Adeus amigo Calejo
Muita saúde te desejo.

TABERNEIRA

Adiós, senhor Basílio
E la senora Maria também.

MANUEL CALEJO

Adeus, mil felicidades
É quanto eu vos desejo
E não esqueçais o Calejo.

Carregam na égua uns alforjes e uns sacos em carga levam junto deles preso um carneiro, o pintor conduz a égua e a mulher o carneiro e dizem Maria dos Reis:

Adeus ó gente amiga
Permiti-me que vos diga
Que levo saudades de vós
Desculpai-me os incómodos
Que aqui vos causamos nós
E se não voltarmos por cá
Ide-nos lá a ver vós.

Partem para Vilar Seco. Durante o caminho diz o Pintor:

Ó Maria
Se viessem sobre nós
Qual é que largavas primeiro
O centeio, as azeitonas
O santo ou o carneiro.

MARIA DOS REIS
Eu não largaria nada
O que é que havia de largar?
Largarei somente o São Brás
Quando me o venham pagar.

Chegam a Vilar Seco e diz o Pintor:

Graças a Deus e S. Brás
Chegamos a casa em bem
Já estamos à vontade
E o nosso santinho também.

Recolhem-se com todo o carregamento. Aparece e diz Fala Só:

Bem alegre e satisfeito
Ora estive um chaço bem feito
Todo aquele que não queira pagar
Cura-se desta maneira
De certo lhe há-de lembrar
Esta lição a vida inteira.

Recolhe-se. Aparece em Cércio Manuel Calejo, Mateus Gonçalves, João Alfredo e todos os figurantes de Cércio e diz Manuel Gonçalves:

O São Brás desapareceu da igreja
Se o não levaram foi-se embora
Creio que o roubou o pintor
Que havemos de fazer agora?

LÁZARO FREIXO
Ao pintor deviam-lhe dinheiro

Pois havia o santo pintado
E não bastou não o terem dado
Que até já o tinham negado
Por isso se levou o santo
Teria carros de razão
E quem lhe negou o dinheiro
Ou é caloteiro ou ladrão.

JOÃO DE ALFREDO
Ah! Tu estás a favor do pintor
Queres talvez herdar-lhe os bens?
És parente do Calejo
Bem pouca vergonha tens
Pois olha que não se limpa
Tão bem como ele pensou
Ainda se há-de arrepender
Do santo que nos roubou
Eu digo que se toque o sino
Para juntar a mocidade
E com toda a brevidade
Vamos juntos a Vilar Seco
Este roubo há-de dar eco
Fazemos-lhe dar o santo.
Dinheiro!
Nem preto nem branco
Ali não se paga nada
Quando virem a gente armada
Todos nos darão razão
Até com medo tremerão
E pôr-se-ão a rezar o terço
E nós valemo-nos da ocasião
Trazendo o santo para Cércio.

MATEUS DOS ANJOS
Isso assim não vai bem feito
Ainda que era de dinheiro
Mas palpitou-me na mente
E lembrou-se de repente
O santo não saiu de cá
O santo em Cércio está
Nem queria dizer-vos tanto
Ou o tem Manuel Calejo
Ou o tem António Branco
Porque são amigos do pintor
Fazem-lhe capa sim senhor.

ANTÓNIO BRANCO
Que estás dicendo?
Qui niem te puedo estar oindo
La casa mia es chiquita
A dar-le vuelta de seguida

E los tos ojos nó se abriram
Para los santos que alla estan.

MATEUS DOS ANJOS
Tu do roubo soubeste
Não poderás negar não
Só merecias com um cacete
Malhar-te como quem malha um cão.

Arregaçando o braço, António Branco:

Nó, nó bai a cacete
Solo con dos punhetaços
A quantos estais aqui
Vos roumpo pernas e braços.

Chega Manuel Calejo e diz para Mateus dos Anjos

Vamos lá a minha casa
Anda lá amigo Mateus
Juro-te a pé de Deus
De Deus Nosso Senhor
Não deverias negar ao pintor
O dinheiro de São Brás
Sempre diante para trás
O pobre pintor santeiro
E a tua pouca vergonha
Chega a negar-lhe o dinheiro.

MATEUS DOS ANJOS
Não digas isso cara de mosco
Que nem ao menos te tosco.

MANUEL CALEJO
A minha cara e a tua
Postas no meio da rua
Onde se vejam bem
Apreciadas por alguém
Com juízo verdadeiro
Notara-lhe grande diferença
Não é cara de caloteiro.

MATEUS GONÇALO
Lérias não adubam sopas
Seja o caso como for
O santo levou-o o pintor
Isto dá para uma demanda
Vamos daqui a Miranda
Ao senhor administrador
Dar parte do pintor.

Não é coisa que se faça
Tirar o santo da vidraça
E deixar escrito dobrado
Na *cajata* um papel enlaçado
Que certo o há-de condenar
Se me quereis acompanhar
Mordomo da Igreja eu sou
E dar parte a Miranda eu vou.

JOÃO DE ALFREDO
Pois aguarda aí rapaz
Eu sou mordomo de São Brás
O mordomo deste ano
Para que saiba o tal fulano
Que Cércio é terra alheia
Vou contigo dar a parte
Até metê-lo na cadeia.

MATEUS GONÇALO
Então vamos embora
Que o tempo está-se a passar
E se aguardamos a noite
Não nos querem aturar.

*Seguem os dois para Miranda e diz para os
companheiros Mateus Gonçalo:*

Lá vamos os dois embora
Adeus até à volta.

FALA SÓ
E eu vou servindo de escolta.

Acompanha-os até Miranda.

JOÃO DE ALFREDO
É melhor entrarmos em casa
Vestir-mos a roupa melhor
Podemos levar uma pinga
Hoje é à conta do pintor.

Recolhem-se e diz Fala Só:

Faltaram-me os camaradas
Foram a mudar as farpelas
Eu só tenho esta
Estou sempre pronto para a guerra
E se eles trouxerem vinho
Era o que eu queria melhor
Só me puxa por cabaça
Esta droga do pintor.

Toca a música. Aparece João de Alfredo e Mateus Gonçalo vestidos à antiga Mirandesa e calçados de socos e trazendo um a tiracolo uma borracha²⁹ de vinho e diz João Alfredo:

Olha lá Mateus Gonçalo
Nós não vamos a cavalo?
Podremo-nos embebedar
E se caímos dos burros
Podemos a testa rachar.

MATEUS GONÇALO
Vamos já a beber um trago
Em *honrra* de São Tiago
Lá vai o sangue de Nosso Senhor
À saúde do pintor.

Bebem cada um do seu e diz Fala Só

Falas-tes em Nosso senhor
Eu também sou seu parente
Lembrai-vos de mim boa gente
Pois toma lá uma pinga
À saúde de São Brás
Bebe à vontade rapaz.

Seguem os três para Miranda, no caminho aparece-lhe o diabo que lhe diz:

DIABO
Ó cavalheiros muito amigos
Quanto desejo de vos ver
Tinha eu, posso dizer
Creio que não me conheceis
Mas eu sou amigo vosso
Em tudo ajudar-vos posso
Leio no vosso interior
Dai a parte do pintor
Fazei-lhe o santo apresentar
E nunca lhe queirais pagar
Trabalhai com bem cobiça³⁰

²⁹ Esta sinédoque, em que a borracha significa a bota onde se transportava o vinho (muitas vezes feita também de cabedal), está presente em outro ditado mirandês que diz:

*Se fures a Miranda
Lheba l pan na manga
I l bino na borracha
Porque alhá nun s'acha.*

³⁰ “Trabalhar com cobiça” significa “trabalhar com garra, com energia.”

Que ele há-de pagar a justiça
Este meu palavreado
Vos acreditareis à certa
Porque a terra em que viveis
Ainda não foi descoberta
Lembrai-vos sempre de mim
Que aqui falar-vos vim
Se fizerdes o que vos digo
Ter-me-eis por grande amigo
Mas não haveis de o santo pagar
Escutai ainda mais esta
E dinheiro para fazer a festa
Eu falo-vos sem interesse
Bem vedes o meu palavreado.

MATEUS GONÇALO
Vemos que és homem honrado
E muito amigo dos santos
Que nos deixaram nossos avós
Sabes o que eu te digo
Anda daí também *com nós*.

DIABO
Eu com vós não posso ir
Que sou odiado no mundo
Só lá no reino profundo
É que tenho o meu poder.

João de Alfredo dando-lhe a borracha:

Pois uma pinga hás-de beber.

DIABO
Eu só bebo água-forte
E como cornos de *viado*
Mas fico-vos muito obrigado
Ide embora à vossa vida
Acrescentai o vosso furor
Mandai prender o pintor
Inventai mil pataranhas
Ponde em acção vossas manhas
Mas o diabo não o largueis
De mim não vos esqueceréis
Porque sou um servidor
Que trabalha noite e dia
Nas cavernas do pavor.

Retira-se. Continuam eles caminhando e diz Mateus Gonçalo:

Já Deus nos quis ajudar
É tudo em nosso favor
E tudo contra o pintor
Não viste aquele homenzarrão
Negro como um tição
Mas tinha boas palavras.

FALA SÓ

E tinha cornos como as cabras.

JOÃO DE ALFREDO

Amigos, chegámos à repartição
Do senhor administrador
Vamos beber uma pinga
À conta do pintor.

Bebem

FALA SÓ

Alto aí que o acabais
E eu ainda quero mais.

Chegando-lhe a borracha Mateus Gonçalo:

Bebe para aí Fala Só
Bebe até emborrachar
Que o pintor há-de pagar.

JOÃO DE ALFREDO

Ó senhor administrador
A dor nos impede o pranto
Tivemos lá um pintor
Tirou-nos da Igreja um santo
Há-de dar-nos o santo
Queremos que seja preso
Sem alguma detenção
Que venha debaixo de prisão
Porque a acção é muito feia
Que nos apresente o santo
E que fique na cadeia.

ADMINISTRADOR

Onde mora o tal fulano
Que levou o santo roubado.

MATEUS GONÇALO

Basílio Pintor é chamado
Rapaz mediano e seco
Residente em Vilar Seco.

ADMINISTRADOR

Pois eu vou já ordenar
Que seja preso rapidamente
Aonde quer que se encontrar
Vocês vão à sua vida
Que o santo e mais o pintor
Virão debaixo de prisão
Acorrentados com rigor.

JOÃO ALFREDO

Isso é o que nós queremos
Senhor Administrador
Deus lhe dê força e coragem
Para tirar a pele ao pintor.

Saem. Fala Só acompanha-os. Vão dançando e cantando o seguinte:

Partimos de Cércio
Cheios de furor
A participar do tal pintor
Pintou-nos São Brás
Tudo foi gabado
Não deram dinheiro
Voltou a levá-lo.

FALA SÓ

Olá São Brás!

Bebem os dois.

As moças de Cércio
Rezam com fervor
À Virgem do Céu
A Nosso Senhor.
Que venha São Brás
Sem largar dinheiro
É quanto deseja o povo inteiro
Nada lhe importa
De ficar caloteiro.

FALA SÓ

Olá, São Brás!

Bebem os dois.

FALA SÓ

É beber e mais beber
E a mim não me dais nada
Há pouco passou a rodada
E agora vai do mesmo modo
Vós bebeis o vinho todo

E de mim não tendes dó
Dai para cá uma pinga
Lembrai-vos lá do Fala Só.

MATEUS GONÇALO
Bebe lá pobre diabo
Pingueiro, engraxador
Melhor é bebe-lo tu
Do que dá-lo ao pintor.

*Chegam a Cércio onde está ainda junto o povo e diz
Mateus Gonçalo:*

Fizemos a nossa jornada
Com valentia e valor
Fomos bem atendidos
Pelo senhor administrador
Que trata imediatamente
De mandar prender o pintor.

*João de Alfredo chega-se a Manuel Calejo e diz-lhe
João de Alfredo:*

Olá Manuel Calejo!
Já te morde o percevejo
Olha o amigo pintor
És tanto da sua banda
Se amanhã o queres ver
Vai à cadeia de Miranda.

MANUEL CALEJO
Só poderei acreditar
Depois de por meus olhos ver
Não me parece que vós tenhais
Coragem de o prender.

MATEUS GONÇALO
Tudo é a nosso favor
E tudo contra o pintor
Quando íamos no caminho
Chegando ao Vilarinho
Apareceu-nos um figurão
Negro como um tição
Mas com tais palavrinhas
Que nos deixou encantados
Já sabia do roubo do santo
Se vísseis pediu-nos tanto
Que não pagássemos ao pintor
Era mesmo da nossa cor
Com justiça e com razão
Tinha a minha opinião

João de Alfredo ofereceu-lhe pinga
Mas ele não quis aceitar.

FALA SÓ

Bebia eu, tem bom vagar
Ponde-vos todos a mexer
Que são horas de deitar.

*Zurra em todos com a pelota e todos dispersam
recolhendo-se. Toca a música. Aparece o Pintor e a
mulher e diz o Pintor:*

Venho dar-te uma novidade
Que me custa a crer na verdade
Veio aqui o senhor regedor
E apresentou-me um ofício
Do senhor administrador
Mandado com toda a urgência
Veio cedo cá trazê-lo
Um oficial de diligências
Fiquei um tanto confundido
Manda apresentar-me lá hoje
A fim de ser ouvido
Ainda sábado me falou
Sem nada de extraordinário
Pelo que mais admirado estou.

MARIA DO CÉU

Pois és bem tolo rapaz
Isso é obra dos de Cércio
Por causa de São Brás
Também já isso me lembrou
Seja lá pelo que for
Monto a cavalo e lá vou
Tem à noite a ceia arranjada
Que devo trazer a foice picada.

*Caminha para Vimioso recolhendo-se no extremo do
tabuado.*

FALA SÓ

O São Brás estava morto
Vai agora ressuscitar
Por causa do mordomo
Não querer o dinheiro largar
Mas não vai ser o molho
Feito ao seu paladar
Porque para levarem o santo
Primeiro o hão-de pagar
E já não é sem tempo
Nem lhe fazem grande favor

Há muito que o ganhou
O nosso pobre pintor
E eu à nossa saúde
Vou-lhe tocar o tambor.

Marcha

Volta o Pintor a casa e diz para a mulher:

Boa noite, como vais Maria?

MARIA DOS REIS

Bem, e tu como te foi o dia?

PINTOR

Perfeitamente

Porque dei com a minha gente.

MARIA DOS REIS

Mas era o caso do santo.

PINTOR

Era o santo e outro tanto

Aquela canalha brava

Enviaram contra mim

Um telegrama que era assim.

Telegrama

Queria mandar prender

Sem nada se deter

O cidadão Basílio pintor

Mandando-o transpor

Sem nenhuma detenção

Debaixo de prisão

A fronteira deste concelho

Para que *serva* de espelho

Seja preso em qualquer parte

Na rua ou em algum comércio

Devendo vir acompanhado

Do roubo da Igreja de Cércio.

Aí vêes os grandes malandros

Para que lhes havia de dar

Queriam o santo pintado

E não o queriam pagar.

MARIA DOS REIS

E então o resultado

Dessa canalha traidora.

PINTOR

Nenhum! Falei toda a verdade

Mandaram-me logo embora

Já fui a Vale de Frades

Vê lá o que *arrodeei*

Portanto dá-me de cear

Que ainda não ceci

No domingo irei a Miranda

Falar com o senhor administrador

Que não me tenha por gatuno

Pois eu sou um *honrrado* pintor.

MARIA DOS REIS

Pois vamos então cear

Que bastante fome terás

Deus te conserve os amigos

Bendito seja o São Brás.

Recolhe-se.

FALA SÓ

Ó glorioso São Brás

E os mais santos dos Céus todos

Condoei-vos do nosso pintor

Salvai-o de todos os modos

Sabeis o que vos quero pedir?

Que perdoeis os seus pecados

Levai-o lá para o Céu

Que vos põe a todos pintados.

*Aparece Mateus Gonçalo e João de Alfredo, e diz
Mateus Gonçalo:*

Venho-te dar um recado

Do senhor administrador

Que nos manda ir a Miranda

Lá por causa do pintor.

JOÃO DE ALFREDO

Lá vou vê-lo à cadeia

Que me vou encher de rir

Dizer-lhe quatro galhofas

Que há-de gostar de as ouvir.

MATEUS GONÇALO

Na cadeia... qual cadeia?

De o prendermos não há meio

A todos tenho perguntado

Mas para Miranda não veio.

JOÃO DE ALFREDO

Pois havemos de o atçar

Com todo o nosso furor

E mais e mais *entujar*
O senhor administrador
Quando vamos a Miranda?

MATEUS GONÇALO
Vamos daqui a bocado.

JOÃO DE ALFREDO
Então virás chamar-me
Que ainda não estou almoçado.

Recolhem-se. Aparece o pintor e a mulher e diz o Pintor:

Vou embora até Miranda
Tu trata da vida por cá
Arranja o jantar com tempo
Que eu venho cedo de lá.

MARIA DOS REIS
E se ficas na cadeia?

PINTOR
Para mim não haverá cadeia
Não fazendo crime maior
Ouvindo-me, *dar-me há razão*
O senhor administrador
Preciso ir por Malhadas
Que tenho lá que fazer
Por isso abalo cedo
Não tenho tempo a perder
Adeus até à volta
Que já me vou de repente.

MARIA DOS REIS
Adeus até à volta
Tem conta com essa gente.

Separaram-se seguindo o pintor para Miranda pelo lado oposto do "tabolado" a entrar ao outro extremo. Partem também para Miranda Mateus Gonçalo e João de Alfredo encontrando-se com o pintor junto da administração voltam a cara e diz o Pintor:

Olá grandes amigos
Não voltem a cara à gente.

JOÃO DE ALFREDO
Eu não o tinha visto
Vi-o agora de repente.

MATEUS GONÇALO
Senhor Basílio, como está?

PINTOR
Bem, e vós como tendes passado.

MATEUS GONÇALO
Ambos temos saúde
O que tendes de novo.

JOÃO DE ALFREDO
Muito frio e lá no seu povo.

PINTOR
No frio estaremos iguais
Mas temos lá um santo a mais.

MATEUS GONÇALO
Pois é o que nós lá não temos
Nós temos um santo a menos.

PINTOR
Que extraordinária coincidência
Parece obra da providência
Olhai lá?
Então a meu respeito
Não tendes por lá nada?

JOÃO DE ALFREDO
Temos a gente muito zangada.

PINTOR
A gente do vosso povo?

MATEUS GONÇALO
Sim senhor, o povo todo.

PINTOR
Grande admiração me faz
Por que é?

JOÃO DE ALFREDO
Por causa do São Brás.

PINTOR
O São Brás bem sossegado está
E bem tratado por lá
Se quiserdes em Cércio venerá-lo
Primeiro haveis de pagá-lo.

MATEUS GONÇALO

Veremos lá ver como será
Naturalmente o senhor pintor
É que tem de o levar lá.

PINTOR
Estou fora do meu concelho
Em terra quasi estrangeira
Ao dispor da *auturidade*
Submisso ao que ela queira
Não sei como será aqui
Mas tenho visto nos outros concelhos
Que a autoridade não protege
Gatunos nem caloteiros
Por mais que vocês se esforcem
E cem vezes me mandem prender
Por este crime na cadeia
Não serão capazes de me meter.

JOÃO DE ALFREDO
Pois correu lá em Cércio
Que foi preso lá em Angueira.

PINTOR
E aonde me prenderam?
A alguma taberneira
Se mais crime não fizer
Quem me mandar prender
Com os olhos bem arregalados
Certo ficará desolado
Ao ver os laços quebrados.

Aparece o senhor administrador. Os de Cércio cumprimentam-no.

MATEUS GONÇALO
Bom dia senhor administrador
Como está? Como tem passado?

ADMINISTRADOR
Muito bem amigo Gonçalo
E o seu camarada?

JOÃO DE ALFREDO
Bem, bom senhor administrador
Por hora não me dói nada.

PINTOR
Certo me não conhece
Bom dia, senhor administrador.

ADMINISTRADOR

Conheço sim, é o pintor.

PINTOR
Sim senhor, o tal traidor
Ladrão do santo de Cércio.

ADMINISTRADOR
Logo que está o pessoal junto
Vamos lá ver o assunto.

Entram na administração, o Administrador aponta cadeiras para os mais se "assentarem".

ADMINISTRADOR
Vamos ver senhor pintor
Como foi isso arranjado
Para o santo ser roubado?

PINTOR
Foi com toda a facilidade
Eu conto já em resumo
Somente a pura verdade
Vai próximo de dois anos
Que na terra destes fulanos
Pinte o São Brás

Fazer-lhe uma vidraça
Ajustei por minha desgraça
Como o dinheiro são papéis
Foi contratado o serviço
Por quinhentos e cinquenta mil reis

Pedi sinal adiantado
Recebendo de bom ou de mau grado
Das mãos dos tais moços
Cem mil reis para *tramoços*
Concluída a obra em seu lugar
Eles deviam de me pagar
Mas nem dinheiro nem palavras
Saíam daquelas cabras
Eu precisava da maça
Encontrava-lhe pouca graça
Gastei o meu dinheiro
E teso como um pinheiro
Por me ver em tal desgraça
Dei entrada em minha casa
Rindo-se eles de chalaça
Rouco como um azeiteiro
De tanto gritar pelo dinheiro
Depois que muitas vezes o pedi

Trezentos mil reis recebi
De vários modos em parcelas
E as tais pessoas aquelas
Ficaram pouco agradecidas
E nada arrependidas
Lá ficou um tal *sogeito*
Forçado e contrafeito
Encarregado de pagar
Para a conta liquidar
Em resumo
Somando as contas
Faltam duzentos e *cinquenta* mil reis
É bem pouco dinheiro o total
Mas negaram-no afinal
Vendo-me assim desprezado
Falei em mandar obrigar
O tal moço do dinheiro
Mas o astuto caloteiro
Não se quis amedrontar
Dizendo que para o obrigar
Em selos processos e papéis
Gastaria quinhentos mil reis.

Escarnecido e envergonhado
Ao ver-me assim aviltado
Não fazia senão pensar
Tirei-lhe o santo do altar
Aguardando a chegada
Do tal moço do dinheiro
Eis o caso verdadeiro
Tal qual sem tirar nem pôr
O senhor administrador
Veja o exposto a seu modo
Eu só exijo o dinheiro
E entrego o santo logo.

Diz para os de Cércio o Administrador:

Vejam lá foi o caso *exatamente*
Como contou o senhor pintor.

MATEUS GONÇALO
Foi sim senhor administrador!

ADMINISTRADOR
Pois sendo assim desse modo
A vossa obrigação primeira
Era pagar o trabalho logo.

MATEUS GONÇALO
Ó senhor Administrador

Nós não temos o dinheiro.

ADMINISTRADOR
Vocês conheçam o seu dever
Não me venham aqui intrujar
São competentes para pedir o santo
E não são para pagar!

JOÃO DE ALFREDO
O dinheiro tem-no um rapaz de lá.

ADMINISTRADOR
Pois que o ponha para aí já
Quando não...
Dou dele uma participação
Espremo-o como um bago
Aperto-o que o esmago
Não quero ver traficâncias
Feitas por esses cantos
Ninguém detenha em seu poder
O dinheiro que é dos santos.

Voltando-se para o Pintor:

Vou indicar o caminho
Prestes atenção portanto
O senhor manda amanhã
Conduzir para aqui o santo.

Dirigindo-se aos de Cércio

E vocês depois de amanhã
Apresentam aqui o dinheiro
Por este caminho verdadeiro
Levam o santo para lá.

Para o Pintor:

O senhor depois vem cá
Ou manda buscar o dinheiro
E se não quer incomodar-se
Mando-lho para o seu concelho
Ao senhor administrador
E em Vimioso o receberá
Está o caso arrumado
Podem-se ir embora já.

Vai para se retirar Mateus Gonçalo pega-lhe pelo casaco e diz-lhes Mateus Gonçalo:

Ó Administrador

Isso assim não pode ser.

ADMINISTRADOR

Está já tudo resolvido

Nada mais temos que ver.

Retira-se o Administrador na frente a seguir os de Cércio e depois o Pintor. O Administrador recolhe-se e os de Cércio de fora dizem para o Pintor.

MATEUS GONÇALO

Ó senhor pintor, isto assim não pode ficar

O senhor leva o santo

Mas é para o seu altar.

PINTOR

Vós desconfiais da autoridade

Que desta terra é governo

Que eu levarei o santo ao inferno

Se a autoridade mo ordenar

Manda porém trazê-lo aqui

Amanhã não há-de faltar.

JOÃO DE ALFREDO

Eu não nem posso parar

Vamos dar parte a outro lugar.

PINTOR

Ide lá onde quiserdes

Vós tornareis a voltar

Para entreterdes o tempo

Podeis-vos ir passear.

Retira-se. Chega a casa encontra a mulher que lhe diz:

MARIA DOS REIS

Olá! Já vens tão cedo.

PINTOR

Por quem havia de aguardar

Depois de me despachar.

MARIA DOS REIS

Acabaste com a demanda.

PINTOR

Amanhã vai o santo a Miranda.

MARIA DOS REIS

Para testemunhar?

PINTOR

Qual testemunha

Para não lhe porem a unha

Sem largarem a *bagalhoça*

O senhor administrador os coça

E caladinhos nem um pio

Vamos lá para casa

Que trago bastante frio.

Recolhem-se; voltam para Cércio João de Alfredo e Mateus Gonçalo e vão dizendo mas em choradeira:

MATEUS GONÇALO

Quem diria que o São Brás

Não nos havia de ajudar.

JOÃO DE ALFREDO

A mim bem me custa rapaz

Que nos obriguem a pagar.

MATEUS GONÇALO

Prometemos uma promessa

Que nos valha nosso senhor.

JOÃO ALFREDO

Não valem santos nem promessas

Com este administrador.

Em Cércio entram no tasco e diz-lhe António Branco:

Entonces

Senhor Basílio yá está preso?

MATEUS GONÇALO

Era boa, está preso

Está-nos a olhar com desprezo

Mateus dos Anjos não esteve aqui.

ANTÓNIO BRANCO

Nó, yo no se lo bi

Que queriades tratar.

JOÃO DE ALFREDO

Que tratasse de largar

E não faz grande favor

O dinheiro de São Brás

Para pagar ao pintor.

MATEUS GONÇALO

Vamos embora que são horas
E tudo se nos vai em demoras.

*Saem logo, encontram Mateus dos Anjos e diz-lhe
João de Alfredo:*

Então tu estavas aqui
E nós procurando por ti.

MATEUS DOS ANJOS
Então há alguma novidade?

MATEUS GONÇALO
Há sim, viemos da cidade
E temos o negócio desarranjado
O pintor é levado do diabo
E em resumo... o primeiro
É largares o dinheiro.

*Enquanto isto se diz vêm-se aproximando os de
Cércio um a um até se juntarem rodos e diz Mateus
dos Anjos:*

Nem o diabo nem Nosso Senhor
Me obrigam a pagar ao pintor.

JOÃO DE ALFREDO
Mas obriga-te o Administrador
Olé, é ele quem manda
Só tem dois dias de prazo
A pôr o dinheiro em Miranda
Deixas o dinheiro e trazes o santo
Que há-de estar na administração.

MATEUS DOS ANJOS
Hei-de eu ir buscar o santo
Antes eu queria ser um cão.

LÁZARO FREIXO
As coisas arranjam-se por bem
E eu julgo que será melhor
Ir pelo santo a Vilar Seco
Dar-lhe o dinheiro ao pintor
Porque se vamos a Miranda
Reparai lá, vede vós
É uma grande vergonha
E fazem caçoada de nós.

MATEUS GONÇALO
Pois o santo de manhã cedo
Já vai para a administração.

FIRMINO LOBO
Então vai-se já buscar
Sem nenhuma detenção
Os de *val de mira* aí vêm
Todos a ralar *com nós*
Portanto reparai vós
Vede em vossos corações
Já por todas as povoações
Nos encham de trapalhões
Nos encham de caloteiros
E de outros nomes tantos
Por não pagarmos os santos.

MATEUS DOS ANJOS
Pois eu dinheiro não tenho
Nem ao pintor lho dou.

MATEUS GONÇALO
Larga lá o dinheiro da mão
E já a questão acabou.

LÁZARO FREIXO
Tu larga só o dinheiro
Que o santo vai-se buscar.

MATEUS DOS ANJOS
Eu dinheiro é que não tenho
Quem *mo lo* há-de emprestar.

MATEUS GONÇALO
Eu te empresto cem mil reis
É só o que tenho aqui.

Mateus dos Anjos recebendo:

Ainda me faltam cinquenta
Não há mais algum por aí.

ANTÓNIO BRANCO
Yo te do los cinquenta
Aum que yá me debes más
Creo que al poco tempo
Todo me lo pagarás.

MATEUS DOS ANJOS
Pois aí tendes o dinheiro
Pois até já me sua a testa
Tinha intenção de queimá-lo
Em foguetes no dia da festa.

Entrega o dinheiro a Mateus Gonçalo e diz Mateus Gonçalo:

Vamos buscar o São Brás
Sem nenhuma detenção
Se aguardarmos amanhã
Lá vai para a administração
A ver se algum se oferece
Para ir buscar o santo
Eu como fui dar a parte
Agora envergonho-me tanto...

LÁZARO ALEIXO
Pois olha vamos eu e tu
Que és o mordomo da Igreja
Vamos e viemos de noite
Sem que ninguém nos veja.

MATEUS GONÇALO
Pois são dez horas da noite
Não podemos mais demorar
Vamo-nos já montar nas bestas
E pomo-nos já a andar.

Monta Lázaro Freixo uma “gementa” boa sem rédea, uma manta sobre o lombo, Mateus Gonçalo uma “gementa” ruim. Nada de aparelhos, apenas uma corda ao pescoço, cobertos os dois com capas de honra. Fala Só segue com eles e diz:

FALA SÓ
Agora vamos de viagem
A casa do senhor pintor
Vamos buscar o São Brás
Em honrra de Nosso Senhor
E para que nos leve ao céu
Vou-lhe tocar o tambor.

Marcha entoando:

Rum pum, pum Rum pum pum, Rum pum,
pum.

Chegam a casa do pintor, batem à porta e diz Lázaro Freixo:

Ó Senhor pintor!
Abra a porta por favor.

De dentro (Pintor):

Quem chama a esta hora?

LÁZARO FREIXO
Somos nós.

PINTOR
Ah! Sois vós!
Façam favor de aguardar
Que me vou já levantar.

Sai a mulher e o Pintor e diz o Pintor:

Faltam dez para a meia-noite
Como vêm a esta hora?

LÁZARO FREIXO
É o glorioso São Brás
Que nos trás por fora.

PINTOR
Pois entrem cá para dentro
Trata deles ó Maria
Na rua não se demorem
Que está a noite muito fria
Eu vou tratar das bestas
Que não estejam a arrefecer
Vou metê-las na loja
E deitar-lhe de comer.

Retira-se para detrás do tabuado

MARIA DOS REIS
Entrem cá para dentro
E dirão o que desejam
Na rua não estejam
Que o santo perto está
Como deixem o dinheiro
Levem o santo para lá.

Entram os três vem o Pintor e diz:

Já fui tratar das bestas
Meus caros amigos velhos
Venho muito arreliado
Roubaram-lhe os aparelhos
Uma queria prendê-la
Nem ao menos tinha corda
Peguei nune *inquerideira*³¹
Prendi-a a argola da porta.

³¹ Cf. mirandês “angrideira” (corda para prender, angrir).

MATEUS GONÇALO
Por isso não se aflija
Não quebre nisso a cabeça
Trouxemo-las desaparelhadas
Porque saímos à pressa.

PINTOR
E então com essa pressa
O que vindes aqui fazer.

MATEUS GONÇALO
Viemos buscar o São Brás
Para menos vergonha sofrer.

PINTOR
Pois logo que vocês paguem
Findou a nossa demanda
Mas o santo está já pronto
Para ir amanhã a Miranda
Vamos beber uma pinga
Findaram todos os rancores
À saúde do São Brás
E mais dos bons pagadores.

*Bebem todos Mateus Gonçalo puxa do dinheiro e diz
Mateus Gonçalo*

Aqui tem o seu dinheiro
Não se zangue do nosso modo
Que se nós fomos dar parte
Foi por comprazer o nosso povo.

PINTOR
Ide em paz vós e o santo
Que eu não fico descontente
Já me pagastes a conta
Todo o resto é-me indiferente.

Bebei mais uma pinga
Aquecei o interior
Quero que fiqueis contente
No nosso amigo pintor
Já é tarde a esta hora
Não vos deixo ir embora
Dormis aqui sossegados.

LÁZARO FREIXO
Não senhor
Não ficaríamos descansados.

PINTOR
Então desconfiais de mim.

LÁZARO FREIXO
Ora irmão! Não é assim
Nós saímos fora de hora
Para não sermos vistos fora
O senhor pintor suponha
Que isto é uma vergonha
É um descrédito atroz
Fazem caçoadas de nós
Se nos virem levar o santo
E logo então portanto
Viemos de noite
De noite voltamos
E um vergonhaço poupamos
O meu cunhado Calejo
Quando soube estas novas
Logo disse desta maneira
Vai-vos fazer umas trovas.

PINTOR
Nem que seja uma comédia
Deus sabe o que faremos nós
Mas sempre será a meias
Entrando nelas eu e vós.

LÁZARO FREIXO
Dê-nos então cá o santo
Como o havemos de levar.

MATEUS GONÇALO
Esqueceu-nos por sair à pressa
Ó São Brás nos valha.

PINTOR
Por isso não se apoquentem
Dou-lhe um saco e uma toalha.

*Embrulham o santo. Metem-no ao saco e diz Mateus
Gonçalo*

Vamos embora depressa
Não tem senão desculpar
Por depois de meia-noite
O virmos a incomodar.

Montam a cavalo.

PINTOR
Vão para casa sossegados

Eu não reparo outro tanto
Recomendem-me ao Calejo
E também ao António Branco.

*Recolhem-se o pintor e a mulher. Vão-se embora
Freixo e Gonçalo e Fala Só acompanha-os e diz:*

FALA SÓ

As bestas vão sem albardas
Ora aqui é que são elas
Ou o burro dá cabo do espinhaço
Ou o santo esfola as costelas
Com tudo lá vai contente
Olhai o grande pimpão
Eu vou acompanhando-o
Cantando o kirie lison
Kirie lison
Kirie lison
Kirie lison

Chegam a Cércio e continua:

Findou a nossa jornada
Chegámos à povoação
Acabou a minha tarefa

De cantar Kirie lison.

*Apeiam-se. Colocam o santo na Igreja e vão para
suas casas recolhem-se no lugar que lbe convenha e
deixando ficar fora Fala Só que diz:*

Os fulanos foram-se embora
Deixando-me na rua encerrado
Sem me pagarem a jeira
De os haver acompanhado
Às duas horas da madrugada
Ai valha-me Nosso Senhor
Tal me fizeram a mim
Como fizeram ao pintor
Sempre me pregaram um calote
Ó triste da minha vida
Findou a nossa função
Vou vos dar a despedida.

FIM

Seguem, como é de costume, trovas de
despedida alusivas às várias povoações em
volta.